a cena muda

Núm 23

5-6-1952


BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

CR$ 3,00
EM TODO
O BRASIL





insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA
DA AMERICA LATINA E É TAMBEM
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

CARIOCA 46-48 – SETE DE SETEMBRO 199-201

A MORTE CARREGA A FAMA

e John Garfield foi com ela...

COM apenas 39 anos de idade, faleceu John Garfield, vítima de um colapso cardíaco. Deixou a espôsa, Roberta Mann, com quem estava casado desde 1934 e que, por motivos políticos (Garfield demonstrara tendências comunistas), ela o abandonara há algum tempo. Deixou também dois filhos, David, de seis, e Katherine, de quatro anos de idade. Foi encontrado no apartamento de Iris Withney, artista de teatro, em Nova York.

O curioso em tudo isso é que Garfield, com aquêle ar de pessimista eterno, com aquela máscara de sofredor e desiludido, de um homem em permanente revolta contra a sociedade, fôra, em outros tempos, delinqüente juvenil, tendo estado internado num reformatório. Angelo Patri, diretor da Escola Correcional, se interessara por êle, particularmente, e convocou-o para fazer debates. Daí nasceu seu entusiasmo para o palco, onde figurou em peças de Clifford Odets, sendo a última "Golden Boy", do mesmo autor, levada na Broadway há pouco mais de dois meses. Um dos atores que trabalhava nessa peça declarou que, "ùltimamente, Garfield parecia um pouco nervoso e deprimido".

Filho de um alfaiate do bairro pobre da parte baixa de Manhattan, sua vida foi tão tempestuosa quanto determinados papéis que interpretou no cinema. Aquela sua fisionomia dura e cruel era bem um reflexo de sua vida passada, de um drama interior que talvez ainda não tivesse vencido. "Uma Luz nas Trevas", "A Luz é Para Todos", "Corpo e Alma", "Acordes do Coração", "A Pôrça do Mal", "Resgate de Sangue", são filmes onde êle viveu personagens que têm muito de si mesmo e de sua vida interior agitada.

E foram, ainda êsses, os filmes que lhe granjearam a posição destacada que ocupava no cenário cinematográfico mundial. Gostava de interpretar tipos de "gangster", embora na vida real fôsse um homem muito educado e benquisto de todos. Não era fácil tornar-se seu amigo. Mas tudo talvez fôsse uma forma de esconder seu drama, êsse drama que êle trazia no coração desde a infância, e do qual não teve fôrças suficientes, para libertar-se. E talvez dessa luta constante consigo mesmo, brotasse em seus olhos aquela expressão de tristeza e de angústia que tão fielmente as câmaras reproduziam. Seu talento dramático era inegável e êle nos deu performances inesquecíveis, embora nunca tivesse arrebatado um "Oscar", como bem merecia. E já agora, nas culminâncias da glória, relativamente moço, a morte arrebata dos braços do público, dêsse público que o admirava mais e mais, de filme para filme. Encontrado no leito de uma artista de teatro, longe do lar, Garfield até na morte encontrou ligação entre a ficção e a realidade, tendo o destino lhe tramado um falecimento semelhante as aventuras que viveu na tela. Quando os jornalistas bateram à porta do apartamento 45, naquele hotel onde passara a noite, uma voz de mulher respondeu lá de dentro: "Vão-se embora, por favor!". E uma auréola de mistério envolveu a tristeza e o luto de seus fãs.

CHEGOU A SUA HORA

leon eliachar

EXPEDIENTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor-presidente: Gratuliano Brito
Correspondente em Hollywood: — GILBERTO SOUTO
Redator-chefe de publicidade: — *Severino Lopes Guimarães*

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. — Telefones: — Secretaria: 22-4447; Administração e Publicidade: 22-2550; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

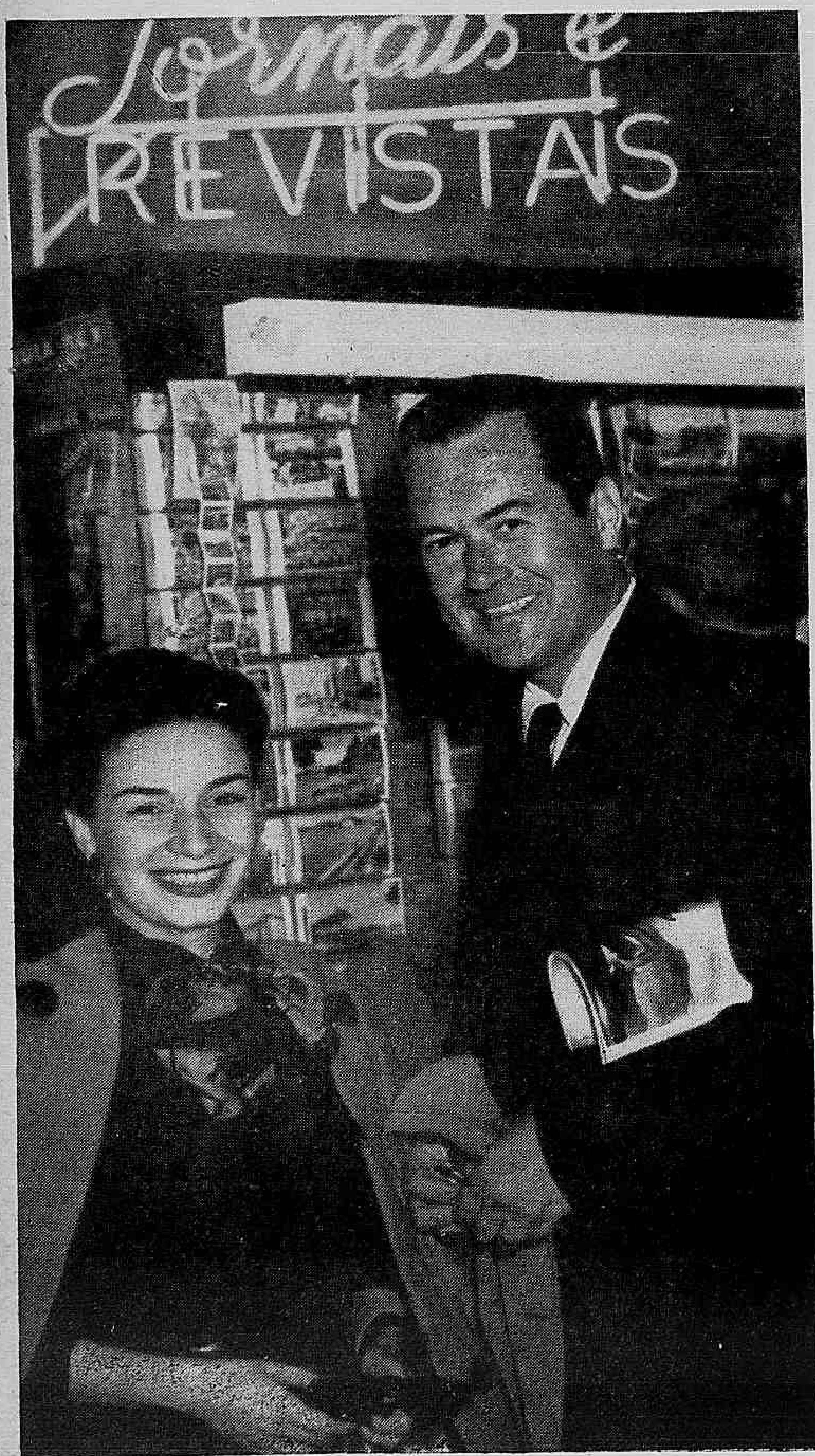
Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual: Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,00. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil.

Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa, África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marquês. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746. Montevidéu. Suc. na Argentina: *Inter-Prensa*, Flórida, 229, B. A.

IMPORTANTE: — O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



Viajando de Miami ao Rio com destino a São Paulo, Frank Lovejoy nos visitou por algumas horas, palestrando com a imprensa no aeroporto internacional do Galeão, onde contou algumas passagens de sua vida que está dividida entre o rádio e o cinema. Frank Locejoy é nome popularíssimo nos Estados Unidos, tanto ao microfone, como diante das «câmaras»». No Brasil ficou famoso depois de interpretar «Fui Comunista para o F.B.I.» E' artista da Warner Bros, e na capital paulista assistirá a estréia de seu filme «Quando Passar a Tormenta». Pretende, na volta, ficar alguns dias no Rio e tomar alguns banhos de mar em Copacabana, que vai fotografar em côres para levar até Hollywood. Em baixo, o ator ao lado da cantora Marion



NO RIO FRANK LOVEJOY

Os astros de cinema têm a facilidade de polarizar as atenções quando aparecem, mesmo inesperadamente, como é o caso de Frank Lovejoy, cuja visita vem surpreender o bom número de fãs que já possui no Brasil, desde seus primeiros trabalhos em Hollywood

Franck Lovejoy não é mocinho, embora tenha aparecido em um filme como "galã", mas seus fãs aceitam-no melhor como outra coisa qualquer nos enrêdos, isso naturalmente porque êle não tem "glamour". Mas, em compensação, tem personalidade, é um ator seguro, sincero e consciente de seu próprio valor.

Um artista relativamente môço que desponta para o cinema como uma das promessas mais risonhas. Dizemos promessa, porque de filme para filme, Lovejoy se firma cada vez mais como astro. De "O Invencível", até hoje, Lovejoy tem dito grandes oportunidades nos estúdios da Warner Bros. Sinão vejamos. Êle surgirá breve em "SÓ OS COVARDES SE RENDEM", "SONHAREI COM VOCÊ", e no filme ainda sem título em português, "THE WINNING TEAM", ao lado de Ronald Reagan e Doris Day.

Frank Lovejoy nasceu em Nova York, num certo dia 28 de março, filhos de uma família nem pobre, nem rica. Trabalhou em Wall Street como mensageiro até 1929, quando ingressou no teatro. Percorreu quase todos os Estados americanos representando e quando o espetáculo parou êle foi para o rádio, onde começou como locutor e acabou como um dos rádio: atores mais queridos do sem fio norte-americano. No rádio já fêz quatro mil programas aproximadamente!

Artista popular no rádio, no teatro e agora no cinema, Frank Lovejoy ainda é um marido feliz, vivendo com a espôsa Joan Banks e os dois filhos do casal, Judithe e Sthephen.

Sua visita ao Brasil sem dúvida será de grande valia para os fãs que de há muito anseiam conhecê-lo pessoalmente. Temos certeza de que a personalidade de Lovejoy, tantas vêzes manifestada na tela em trabalhos inesquecíveis, estará muito viva com a sua presença e já é fácil advinhar que a impressão será das melhores!



Louvejoy surpreendido, ainda no aeroporto, quando atendia aos rapazes da imprensa

AS FERAS INVADEM ROMA

Leões à sôlta?... Pois sim. Isso para uma tomada de cena de QUO VADIS. Porque em volta tudo é grade



Popéia (Patrícia Laffan) conduz duas das esquisitas panteras conseguidas para o «boudoir» da mulher de Nero. Essas bichinhas foram submetidas a um rigoroso curso, aprendendo a arte de tratar bem a quem as tratasse bem. E Patrícia, claro, não fê outra coisa, que não é boba!

63 leões

6 touros

450 cavalos

2 panteras

e Nero

Hollywood atropela a Alfândega da cidade eterna.

Texto nas páginas seguintes

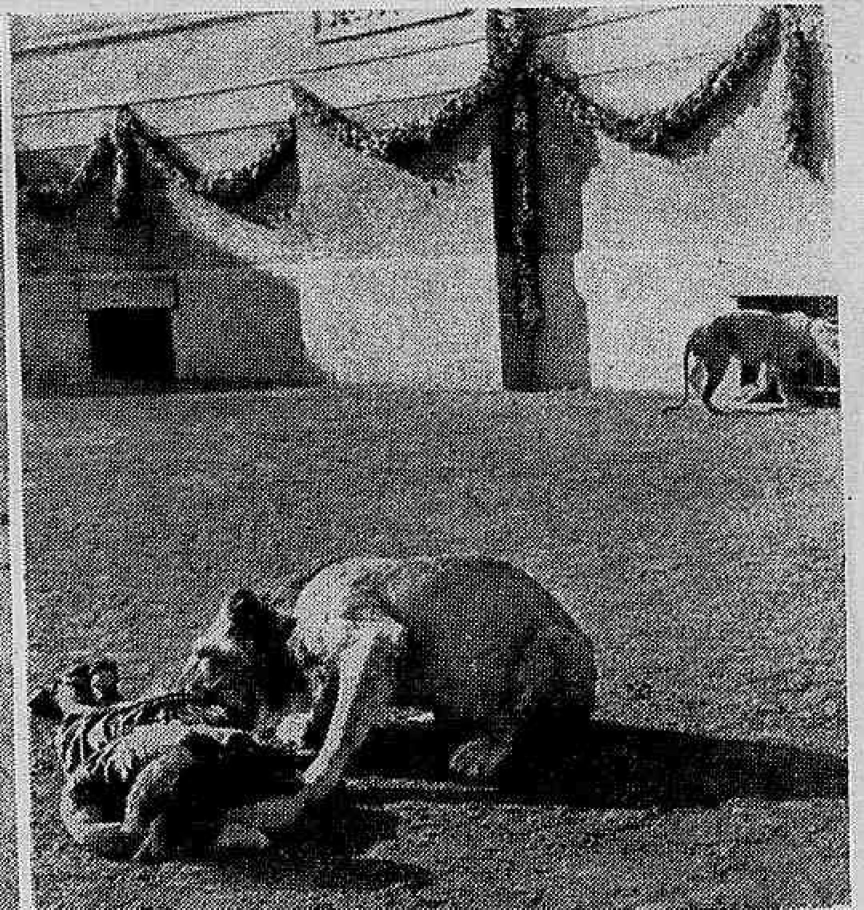


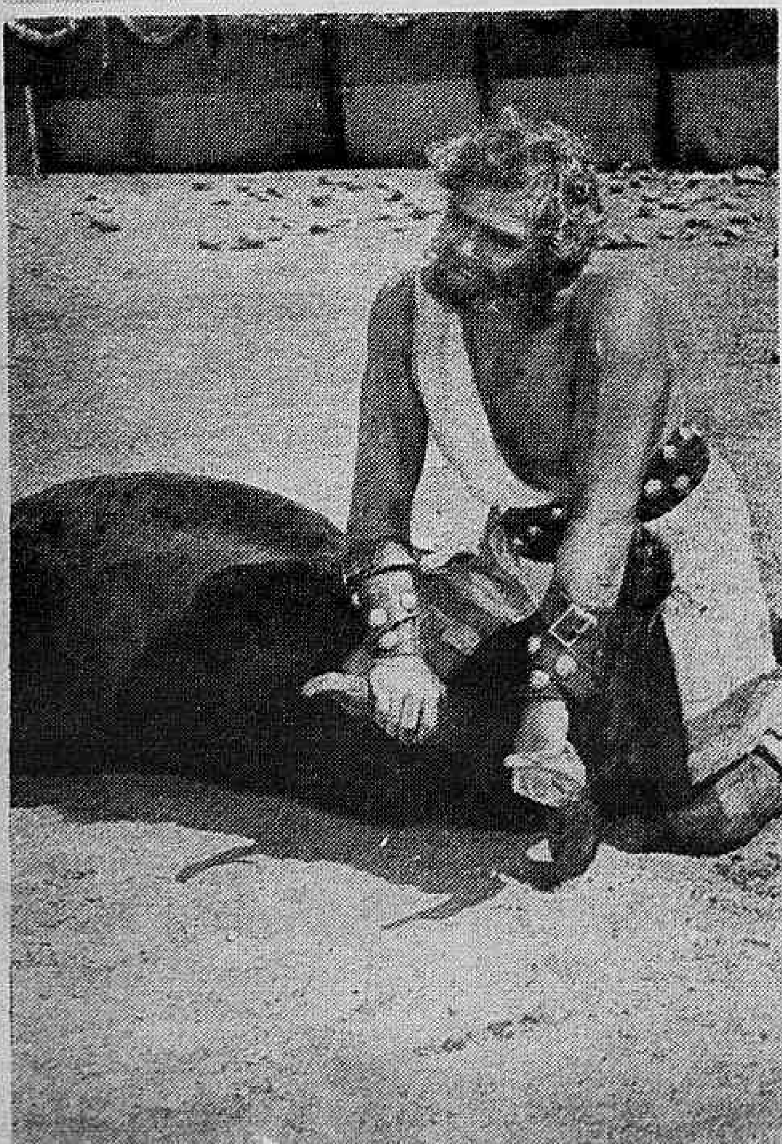
AS FERAS INVADEM ROMA











EM seu escritório perto da Avenida da Liberdade, na luminosa Lisboa, o sr. Lazare Leon, diretor da M. G. M. em Portugal, recebeu um telegrama que o espantou: "Compre-nos com urgência seis touros dos mais bravios. Remeta-os para Roma, via Napoles". Entre um pequeno susto e a suspeita de uma pilhéria de mau gôsto, o Sr. Lazare Leon concluiu: Isto é por causa de QUO VADIS.

E para Napoles, com o endêreço dos representantes da Metro-Goldwyn-Mayer, enviou o gerente da M. G. M. em Portugal, devidamente acondicionados, seis touros daqueles que não são brincadeira nem para o mais destemido toureiro. Isso depois do "metronier" ter corrido séca e méca, depois de aprofundar-se na arte de conhecer um touro bravo e um touro pacato.

Nesse mesmo tempo chegavam outros animais nada amistosos, tudo endereçado às espetaculares cenas da edição em Technicolor de QUO VADIS: 63 leões, chegados da Africa naturalmente; 2 panteras cedidas por um "colecionador" radicado em Mombasa, e outras miudesas. Além de 450 cavalos, muitos dos quais foram obtidos na própria Itália, outros na Espanha, e alguns na França.

Mas não parava aí o "researh" das feras: o diretor Mervyn LeRoy perdeu noites de sono na "caça" da mais temível das feras do romance famoso de Sienkiewicz: o Imperador Nero. Onde encontrá-lo? Onde achar o tipo perfeito? Falaram muito no grande ator Charles Laughton, mas êsse já havia aparecido como Nero uma vez, não ficaria bem agora repetir o "clichê". E a busca não foi brincadeira. Por pouco, o diretor LeRoy preferiria ter ficado com a incumbência de caçar, à unha, autênticas panteras. Revisaram-se elencos, possibilidades dêste ou daquele centro — até que alguém, numa hora de inspiração, lembrou o nome de um rapaz, russo de nascimento, radicado em Londres, figura importante do teatro londrino, aliás: Peter Ustinov. E Peter Ustinov, após a aprovação dos trabalhos testes feitos, foi escolhido com tôdas as honras... e um gordíssimo salário. Sem procurar trocadilhos, estamos quase dizendo que foi Peter, no elenco de QUO VADIS, quem

Buddy Baer, atleta reputadíssimo (atleta ou brutamontes?) faz fôrça com um dos touros importados de Portugal. E não é truque, não.

(Continua na pág. 28)

Cenas da arena. Experimentados treinadores de circo foram instalados em Cinecittà, os estúdios romanos onde se fêz o filme. Instaladas também foram sólidas e muito seguras jaulas, naturalmente



Monumentais cenários foram construidos à semelhança da época. Não se pouparam os dólares para se obter autenticidade. Aí vemos a reprodução exata do Palácio de Nero



450 fotogênicos cavalos foram escolhidos. Só Robert Taylor (Marcus Vinicius) usou 12 corcéis, conduzindo bigas através espetaculares cenas. Ao lado: Peter Ustinov, a fera-mor de QUO VADIS. Tem 28 anos, nasceu na Rússia, vive em Londres desde os 3 anos de idade. Foi a Roma, contratado, para ser o Nero QUO VADIS durante três meses. Nesses três meses vestiu roupagens pesando cêrca de 600 quilos, dizem as estatísticas da filmagem. Mesmo assim não emagreceu. Nero também não emagrecia

VÃO GÔGO À MEIA-NOITE



Os personagens do célebre humorista carioca deixam as páginas de "O Pif-Paf" e invadem uma boite Teófilo de Vasconcelos e Silveira Sampaio dão vida aos bonequinhos

Texto: LEON ELIACHAR

Fotos: ALBERTO FERREIRA



O DIRETOR PAGA AO AUTOR

20 milhões de cruzeiros por um «script»?

AQUI a coisa foi diferente. Não foram os personagens que sairam à procura de um autor, como no caso de Pirandelo. Ao contrário, os personagens abandonaram o autor. Eu explico, não parem de ler.

Vão Gogo estava dormindo. Seus bonequinhos aproveitaram seu sono e o abandonaram por uns instantes. Tomaram um táxi e partiram para a casa de Teófilo.

— Teófilo de Vasconcelos, às suas ordens. Vocês vieram mesmo a calhar.

— Como?

— Eu estava pensando em reabrir a boite Casablanca e vocês são as figurinhas ideais para um "show". Onde está seu autor?

— Está dormindo.

— Será que êle aceita o convite?

— O negócio é o seguinte: nós nascemos e morreremos na imprensa, que é onde nos sentimos perfeitamente à vontade.

— Bem, isso é justo; mas acontece que eu lhes posso dar um sôpro de vida, fazê-los vibrar de emoção diante de uma platéia que os aplaudirá delirantemente.

Os bonequinhos deixaram escapar um ar de satisfação. Por um instante pensaram em trair seu pai, quando Teófilo lhes estendeu o contrato. Era só assinar.

— Vamos, assinem.

— O sr. não acha melhor consultarmos nosso creador?

— Nada disso. Vocês têm que assinar... i-me-dia-ta-men-te! Senão eu pego um vidro de nanquim e borro vocês todos.

— Assim não. Que dirá nosso autor, quando acordar?

— Êle faz outros bonequinhos.

— Mas nós queremos viver também!

— Então assinem, porque quem vai lhes dar vida é o Silveira Sampaio.

— Silveira Sampaio? Ahn!... Então está bem. Creio que o nosso autor ficará satisfeito. Nesse caso vocês têm que pagar muito bem.

— Perfeitamente.

— Não é por nada, mas é que êle tem recusado convites da Televisão, do Rádio e do Cinema; só lhe interessa mesmo a imprensa.

— Não tem importância. Façamos-lhe uma surprêsa. Estejam amanhã aqui para o ensaio. Isto será uma "Edição Extra" de O Pif-Paf! Uma novidade em matéria de "show".

MINISTÉRIO DE PERGUNTAS CRETINAS



— O Baton da senhorita anda de bôca em bôca?

Foi assim. Quando Vão Gôgo recebeu o telefonema de seus bonecos para assistir ao ensaio, me convidou também. Fomos juntos. Êle estava disposto a acabar com o espetáculo. Mas não fêz nada disso. Entusiasmou-se de tal forma que foi dando instruções aos seus personagens. E acabamos todos entusiasmados com o "show". Vão Gôgo recebeu o chegue e pretende com isso fazer uma viagem à Europa, dentro de dois meses. Mas a sua maior satisfação foi quando na noite da estréia, o público aplaudiu ininterruptamente os seus bonecos ao vivo. Um verdadeiro sucesso.

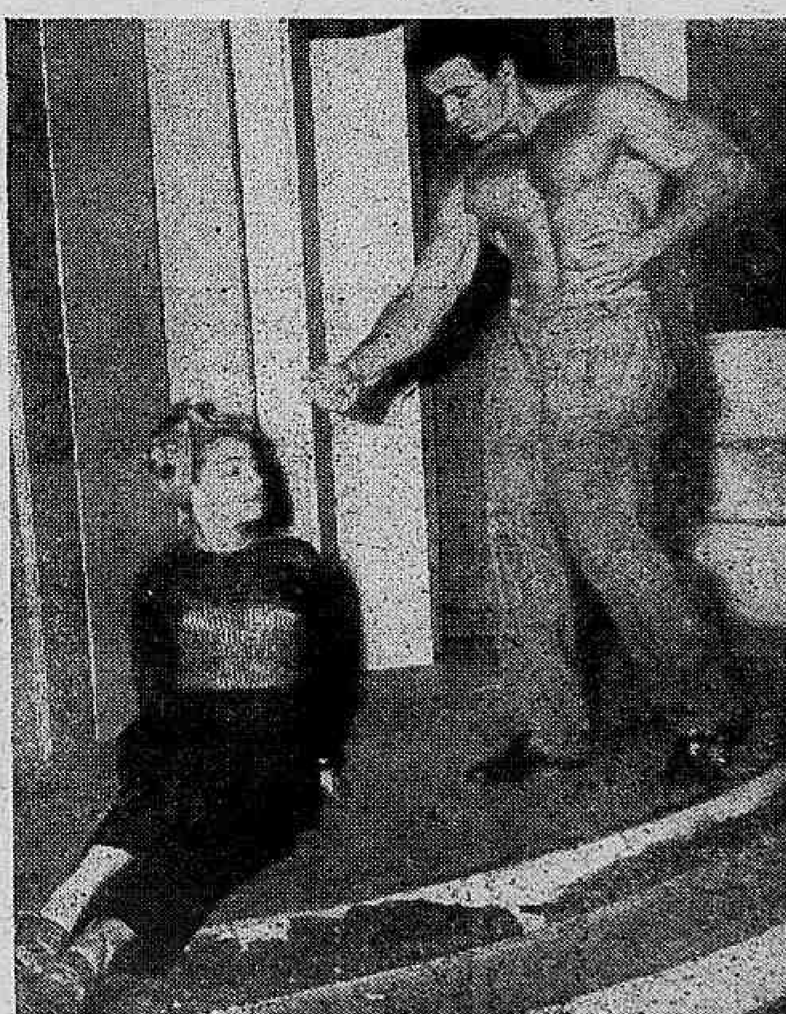
O "show" da Vão Gôgo é dinâmico, movimentado, cem por cento engraçado. E' repleto dêsse humorísmo fino a que nos acostumamos através de suas páginas escritas, e que Silveira Sampaio soube movimentar com muita graça e beleza. Tem também músicas de Ary Barroso e a interpretação de Teófilo de Vasconcelos. Apresenta várias seções, como "Teatro Corisco", "Confúcio disse", "Cem mil emprêgos", "Joãozinho, o monstro", "Conversa em rítmo de pingue-pongue", e uma história em quadrinhos, à semelhança do cinema antigo, que é uma verdadeira delícia: "O Mistério da Toalha", sátira às novelas policiais. Do elenco, destaca-se Diana Morel, figura nova no cenário noturno da cidade e que sabe aproveitar a chance que lhe foi oferecida. Glória e Lopes, "o único casal de lutadores existente no mundo", como diz a publicidade, também destaca-se em seu número, na apresentação do amor prehistórico.

TEATRO CORISCO



— A bolsa ou a vida!
— Bolsa não tenho. E isso é vida?

CONFÚCIO DISSE:



«Trabalho não dá camisa a ninguém»

JOAOZINHO, O MONSTRO



«. . E assim que João entrou. Quase deu cabo do show»

Tonia Carrero é assim!

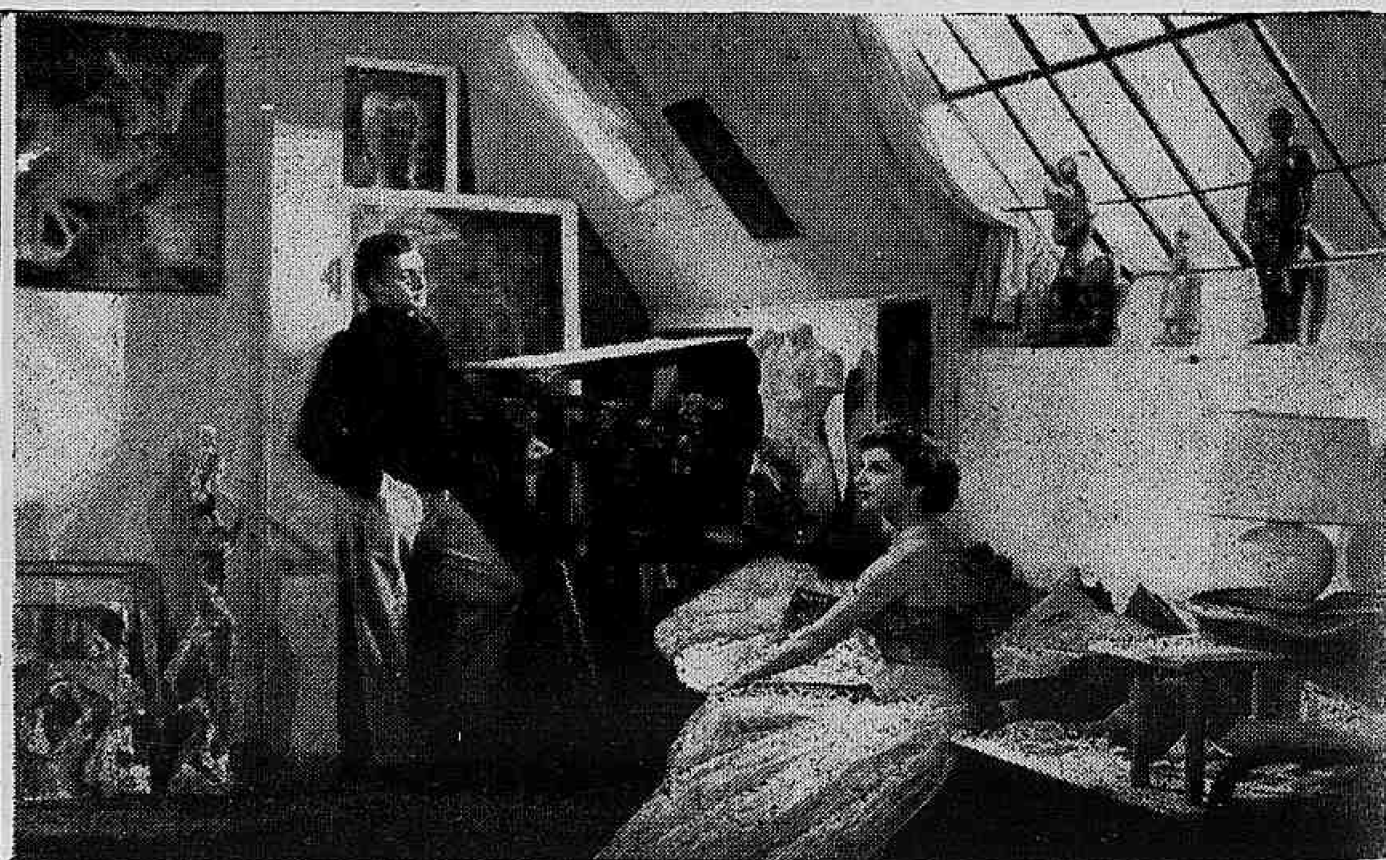
TALENTO, beleza e personalidade são os principais atributos de Tônia Carrero, a mais brilhante estrêla do cinema brasileiro. Sua consagração definitiva é êsse excelente "Appassionata", que a Vera Cruz apresentará dentro de poucos dias. Porque "Appassionata" é um drama de paixões tumultuosas inspiradas por uma mulher sedutora. E essa mulher é Tônia. Embora cercada de um elenco espetacular, que inclui os mais notáveis nomes da nossa arte de representar — Anselmo Duarte, Alberto Ruschel, Ziembinski — Tônia Carrero faz brilhar de maneira invulgar todo o seu invejá vel talento. Ela é o centro, o motivo, a razão de ser de todo o filme. Sua "performance" é excepcional. Certamente Tônia, quando começou a sua carreira artística — naquele longínquo "Querida Susana", também o primeiro filme de Anselmo Duarte — não sonhava tornar-se a mais querida das estrêlas do cinema nacional. Mesmo porque os seus sonhos não tinham por motivo o cinema e sim o teatro. Tanto que, logo depois de terminado "Querida Susana", ela foi para Paris, onde fêz um curso de arte dramática na escola dirigida por Jean Louis Barrault. Voltando ao Brasil, Fernando de Barros a convidou para estrelar "Caminhos do Sul" e, logo depois, "Quando a Noite Acaba". Era o cinema buscando Tônia e Tônia pensando no teatro. Afinal a sua oportunidade no palco chegou com aquela inesquecível temporada no Teatro Copacabana, quando, dirigida por Silveira Sampaio, obteve os aplausos consagradores de uma audiência entusiasmada. As peças se contaram por sucessos: "Um Deus Dormiu lá em Casa", "Amanhã, se não Chover", Helena Fechou a Porta", "Don Juan"... Transportando-se a companhhia para São Paulo, o êxito repetiu-se no Teatro de Cultura Artística. Foi lá que a Vera Cruz a foi buscar, contratando-a definitivamente para o cinema, como sua artista exclusiva. O primeiro filme de Tônia Carrero na nossa maior produtora foi "Tico-Tico no Fubá" e o seu sucesso ainda está presente. Foi êsse filme que conquistou Tônia para o cinema. Ela mesmo confessa:

"— Sempre gostei do teatro e nunca havia pensado em me dedicar exclusivamente ao cinema. Fazia um filme e continuava pensando no palco. Agora não. Só penso no cinema"

Tem razão Tônia Carrero. Por isso mesmo, talvez, a sua atuação em "Appassionata" é a maior de sua gloriosa carreira. Vivendo o papel de uma pianista que só amava a música e tinha a vida atormentada pelas paixões dos homens, Tônia Carrero encontrou a sua grande oportunidade — a de fazer brilhar em todo o seu esplendor o seu talento e os seus dotes de mulher bonita. "A ppassionata" foi dirigido por Fernando de Barros, segundo um argumento original de Chianca de Garcia.

Com Anselmo Duarte, numa cena de «Appassionata». Anselmo já foi seu galã em «Tico-Tico no Fubá»

Com Alberto Rushel, ainda no mesmo filme. Alberto promete ser um dos melhores astros do cinema nacional



Tônia vive agora uma pianista famosa, atormentada pelas paixões dos homens





Parece que, desta vez, chegou a sua grande oportunidade no cinema. E ela saberá aproveitá-la



PRIMEIRAS CENAS DE "APPASSIONATA", O NOVO DRAMA EM QUE TÔNIA APARECE

De PAULO KALAMAR

(Especial para A CENA)



ANÁLISE DO TRABALHO DO DIRETOR QUE MAIS SERVIU OS DESEJOS DA MASSA

★ SUA EDUCAÇÃO PROTESTANTE ESCLARECE SUA ENORME TENDÊNCIA PARA FOCALIZAR OS TEMAS BÍBLICOS

★ DE "OS DEZ MANDAMENTOS" A "SANSÃO E DALILA"

★ ALGUNS FILMES NÃO-HISTÓRICOS

★ A IMPORTÂNCIA DE DE MILLE NOS COMPÊNDIOS DE CINEMA

★ CONTRIBUIÇÃO TÉCNICA

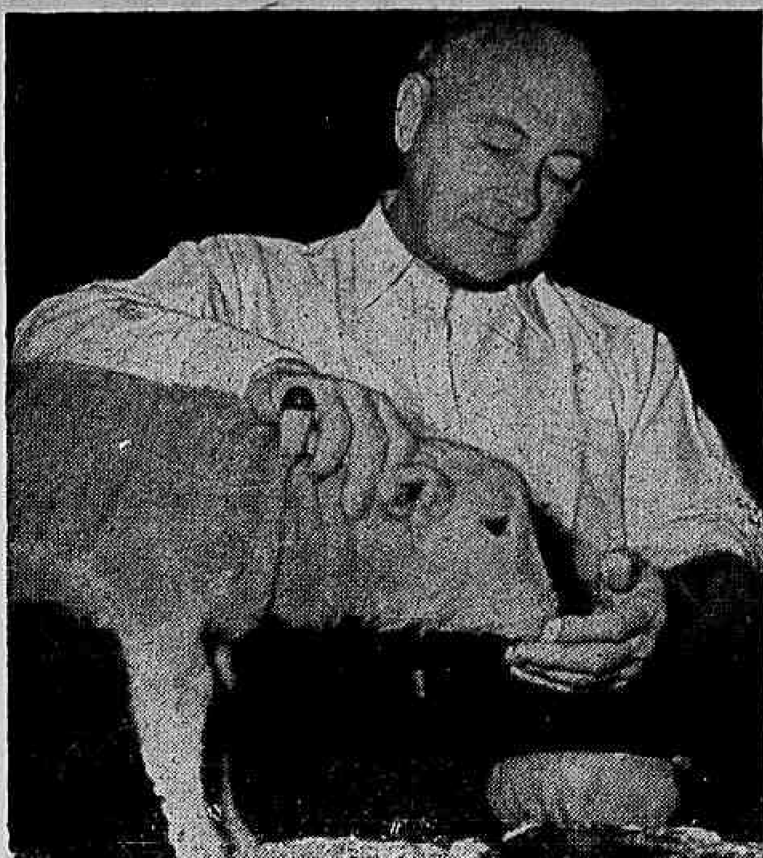
De **ALBERTO CONRADO**

MEU DESTINO É A BÍBLIA

SE durante os primeiros tempos choveram sôbre Cecil Blount de Mille tôda sorte de elogios, mais tarde, à medida que se afinava a matéria temática e crítica, por outro lado se descarregaram sôbre seus filmes os mais rudes golpes assinalando os principais erros que surgiam no decorrer da narração de suas películas. Talvez seja Cecil B. de Mille o diretor que melhor tenha servido os desejos da massa. Nenhum outro tem tido como êle, tão acentuadamente, o sentido do agrado para o que existe de mais superficial nos públicos cinematográficos. Daí que suas obras raras vêzes contentarão às minorias. E, justamente por isso, suscitarão igualmente tão adversos comentários os procedimentos empregados por De Mille, muito dignos de figurarem nesse cinema Botão de Rosa que Sinclair Lewis denunciou na sua "A Grande Rua". Cecil B. de Mille expõe um conflito que talvez seja indissolúvel. O espectador de mediana mentalidade — e para êle se confeccionam estas obras cinematográficas — muito poucas vêzes permitirá que a tela se faça eco de posições idealistas, sejam estas de que ordem forem. Os personagens cinematográficos deverão ser, por fôrça, gente comum, para os quais todo pensamento terá de morrer em flor, provocado pela ação do incidental, do puramente narrativo. Isto sucederá ainda mesmo naqueles casos em que se manipule com personagens históricos que requerem sempre maior altura ao serem encarados pelas câmaras. A ação e o pensamento se entregarão sempre às lides de problemáticos resultados. O trivial alcançará categoria de símbolo. E êste símbolo, finalmente servido por uma técnica exemplar, deixará um quê de incertas claridades artísticas na produção demilleana. Não obstante, não é lógico julgar o cinema pelo quanto nos oferecem estas amostras. Seria como colocá-lo numa posição de marcada desvantagem ante outras formas de criação, quaisquer que sejam estas. Eu não sei de ninguém — falo é claro de pessoas com certo nível intelectual — que julgue a literatura pelos seus folhetins ou novelas côr-de-rosa; a pintura pela constante mediocridade da maioria das salas de exposição; nem o teatro pelos engendros que diàriamente nos oferecem tantos autores de terceira linha. Por outro lado, sempre se pretende abranger o panorama cinematográfico desde qualquer canto, sem situar adequadamente nosso ponto de vista. E eu creio que os panoramas se vêem melhores desde os cumes. Sòmente o culminativo nos dá, com certeza, a mensagem que expõe e as teorias que exemplariza o cinema de qualidade. E a êste, e não a outro, haveremos de referirmo-nos sempre. O demais é pura circunstância, ambiente, estado de consciência coletiva. E, apesar de poder marcar sua influência, nada tem que ver com o feito estético que sempre procuramos instituir. Tenhamos sempre isto presente ao julgar a obra de Cecil B. de Mille, dirigida, única e exclusivamente, ao gôsto popular das massas, apesar de que na trajetória de sua carreira, volte, algumas vêzes, como a pomba da Arca, com o ramo de olivo de uma boa expressão cinemática. Com sua educação protestante, Cecil B. de Mille é o diretor que, para animar seus filmes, mais vêzes tem recorrido à Bíblia. Algumas vêzes é a história do



Cecil dirige Hedy Lamarr e Victor Mature em «Sansão e Dalila». Outro êxito.



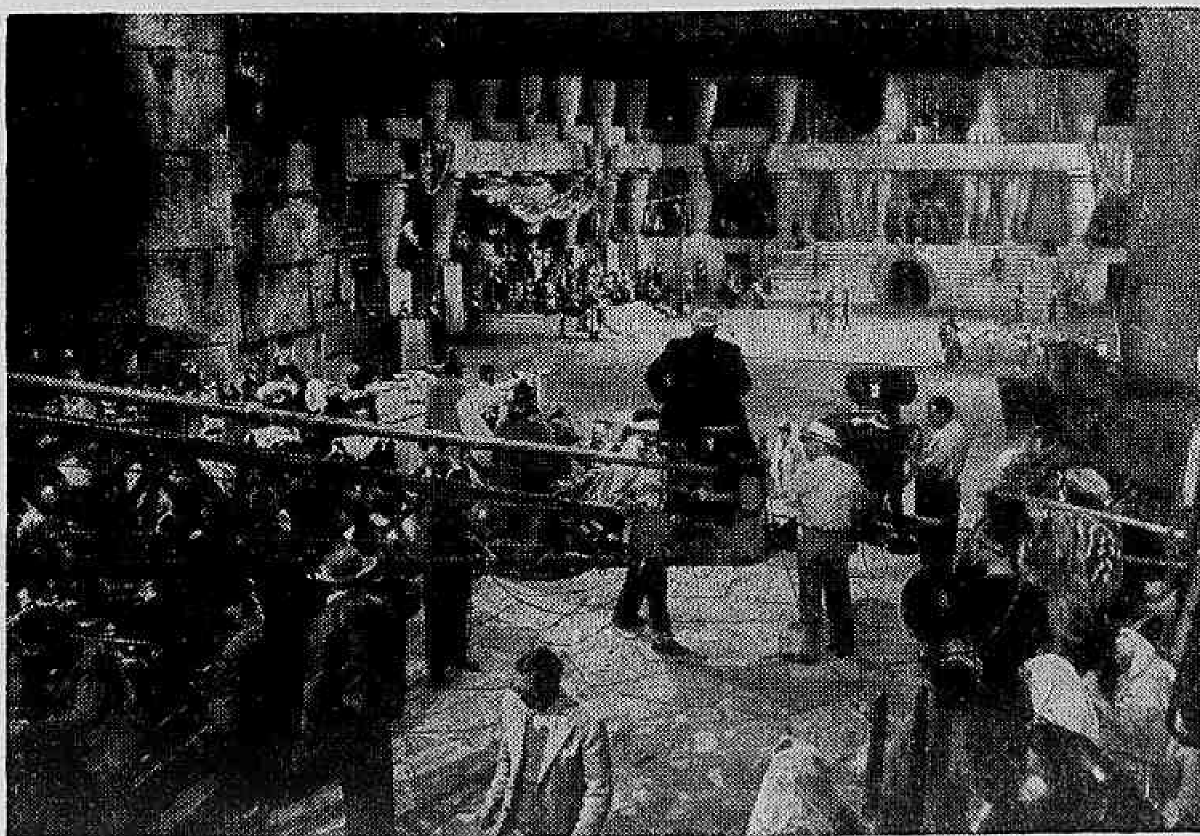
Mister Cecil, muitas das vêzes, trata da alimentação dos animais que entram nos seus filmes



Às vêzes seu trabalho é por demais insano na procura de tipos adequados ao «script»

Êxodo, como em "Os Dez Mandamentos" (intérpretes Theodore Roberts, Estelle Taylor, Rod la Rocque, Leatrice Joy, Julia Faye, Charles de Roche, Nita Naldi, 1923); outras, a dos Evangelistas para animar a vida de Jesus, em "O Rei dos Reis", (com H. B. Warner e os irmãos Schildrkraut, 1927), as restantes, o espirito puritano, moralista, das sentenças com que salpica e exemplariza seus dramas, como em "A cama de ouro", argumento de Jeannie Mac Pherson, intérpretes Lilian Rich e Rod la Rocque (1925; na "A incrédula", com Lina Basquette, ou em "O Rastro do Passado", com Jetta Goudal, William Boyd e Joseph Schildrkraut). Nenhum outro como êle estêve tão atento à moral, às leis virtuosas promulgadas por Mr. Hays, o czar da Censura, com as quais Hollywood pretendia mostrar ao mundo uma fase séria e serena depois dos escândalos verificados naquela cidade do cinema. Não obstante, temos a Cecil B. de Mille sempre disposto a enveredar pelo meio têrmo; a do *sex-appeal*. Além do mais, suas obras estão cheias de imperdoáveis falhas, de graves atentados à provada verdade, de lamentáveis concessões ao que existe de mais vulgar no ânimo do público mais superficial. Não se trata do caso de um Murillo ao pintar a parábola do filho pródigo, atento às qualidades pictóricas; nem tampouco a de um George Kaiser, quem não vacila em fazer George Sand amante de Mallarmé ("Die Flucht nach Venedig") e em fazer falar da América aos contemporâneos de Joana d'Arc ("Gilles und Jeanne"). Absolutamente; o caso de Cecil B. de Mille é pior, porquanto o valor isolado sempre de suas cenas, inclusive o ritmo e a normalidade narrativa de seus filmes, sempre

(Cont. na pág. 28)



A pomposidade na reconstituição das páginas bíblicas é um dos fatôres do sucesso do diretor



De Mille é famoso em Hollywood pela meticulosidade com que trabalha

MÚSICA E CINEMA

OS EXPOENTES DA MÚSICA é o resultado de longos esforços empregados por Spyros P. Skuras, presidente da Twentieth Century Fox, em trazer música clássica às massas por intermédio do cinema. Mr. Skouras, que é membro da diretoria da sociedade Filarmônica-Sinfônica de New York, estêve sempre convencido de que existia um grande pública para boa música, se esta pudesse ser apresentada de maneira apropriada no cinema. Êle provou a solidez de sua teoria quando, no último outono, conseguiu que a orquestra Filarmônica-Sinfônica desse uma audição no palco do cinema Rex, em New York, a primeira vez que esta organização se fêz ouvir no auditório de um cinema. O sucesso foi colossal

Êsse filme, que é mais do que um concêrto apresentado através de um filme, não só nos proporciona 85 minutos de encantadora música. como apresenta instantâneos da vida dos grandes artistas contemporâneos. Êles são vistos na intimidade de seus lares e nas suas salas de trabalho: Heifetz, Rubinstein, Nadine Conner, Jan Peerce e Dimitri Mitropoulos.

Parte I — ARTUR RUBINSTEIN

Côro de Fiandeiras de Mendelssohn
Sonho de Amor de Liszt
Valsa em Dó Sustenido de Chopin
Polonaise em Lá de Chopin

Parte II —

Jan Peerce e Nadine Conner — cantores do Metropolitan
Companhia de Óperas
Solos de Peerce:
Ária "O Paraiso" da ópera L'Africana de Meyerbeer
Mattinata de Leoncavallo
Solo de Conner:
Ária de Don Pasquale de Donizetti

Dueto de Peerce e Conner:
Da ópera "Lúcia" de Donizetti

Parte III — JASCHA HEIFETZ

Prelúdio de "The Partita em Mi Maior" de Bach
"A menina dos cabelos louros" de Debussy
Scherzo Tarantelle de Wieniewski
Capricho 24 de Paganini

Parte IV —

Dimitri Mitropoulos conduzindo a Orquestra Sinfônica-Filarmônica de Nova York
Terceiro movimento da Sinfonia de Fausto de Liszt

DIMITRI MITROPOULOS

UMA das quatro seqüências dêste filme é dedicada a Dimitri Mitropoulos, o reputado maestro que nos é apresentado em pleno ensaio do "Terceiro Movimento da Sinfonia de Fausto", de Lizst, com a orquestra Sinfônica-Filarmônica de Nova York.

Desde a sua estréia com a orquestra sinfônica de Boston, em 1936, Dimitri Mitropoulos tem sido uma proeminente figura entre os mais notáveis maestros dos Estados Unidos. Recentemente, êle conduziu a orquestra Sinfônica-Filarmônica de Nova York, com grande sucesso. Mitropoulos não se utiliza nem da batuta nem da partitura. Com as suas mãos, apenas, êle arranca dos músicos a interpretação que deseja. Um estudo intenso e uma treinada memória assegura-lhe o domínio de qualquer trabalho, por mais complexo que seja, tão profundamente, que até mesmo ensaia sem a partitura. Mitropoulos acha que desta forma pode penetrar com mais intensidade nas sutilezas da música e transmitir a sua significação à orquestra. Em "Os Expoentes da Música" podemos apreciar o dinâmico e vital estilo do grande maestro e a maneira como os músicos correspondem instantâneamente à sua direção. Suas mãos tão expressivas tornam completamente supérfluo o uso da batuta. Em sua vida privada o genial maestro é conhecido pelo seu interêsse nos problemas humanos como também pela sua generosidade e vasta cultura.





JAN PEERCE

JAN PEERCE, notável tenor do Metropolitan, diz que não pode compreender porque cantores são acusados de terem temperamento insuportável... "Creio que antigamente eram considerados de bom tom êsses rasgos temperamentais mas hoje em dia não há tempo a perder e tolerar tais arroubos é muito dispendioso". Jan Peerce declara que uma boa saúde é o mais importante atributo de um cantor. "A vida de um cantor é a vida de um bom atleta", diz êle. Nós não temos tempo para festas e a minha idéia de uma ótima noitada é deixarem-me sòzinho ou estar em casa com a minha família. Peerce canta as árias de "L'Africana" por Meyerbeer e "Mattinata" de Leoncavallo, como também um dueto com Miss Conner em "Os Expoentes da Música".

NADINE CONNER

NADINE Conner, a encantadora e jovem soprano lírico do Metropolitan, que será vista e ouvida pela primeira vez no cinema nesse filme, diz que tem três amôrês: — seu marido, Dr. Laurence Heacock, conhecido cirurgião da Califórnia, seus filhos e a sua carreira. Nadine, que é considerada uma das mais bem vestidas cantoras do mundo, em cada um de seus papéis veste-se de maneira a imprimir o caráter da personalidade que representa. Neste filme ela se veste de maneira especial para cantar a ária da ópera "Don Pasquale", de Donizetti, como também para o dueto que canta com Jan Peerce em "Lúcia", de Donizetti. Nadine crê que isso torna mais fácil à audiência compreender o que se está passando e dá mais fôrça às cenas.



"A MÚSICA É A LIGUAGEM DE TODOS OS HOMENS, SEM DISTINÇÃO DE CLASSE, CASTA OU NACIONALIDADE..."



JASCHA HEIFETZ

O árduo treino que precede os brilhantes concertos do grande virtuose do violino é gràficamente revelado pela primeira vez diante das câmaras — um verdadeiro estudo em "Close-up" da personalidade de Heifetz, de sua vida e de sua arte. Os dois mais preciosos violinos do mundo são vistos neste filme e pertencem a Heifetz: — um Stradivarius, fabricado no ano de 1731, e um Guarnerius, conhecido como um "David", datado de 1742. Heifetz põe seus violinos acima de sua própria vida... e dá gôsto ver a reverência com que êle os segura, como um homem que tivesse em suas mãos uma relíquia. Passa meses praticando, pois é um verdadeiro perfecionista e a sua noção de integridade, quase fanática. O falecido Bernard Shaw, depois de ouvi-lo num concêrto, escreveu-lhe o seguinte: "Jovem, tanta perfeição enfurece os deuses. Aconselho-o a aplacar-lhes a ira... tocando uma ou duas notas erradas tôdas as noites antes de deitar-se''. Mas Heifetz é irredutível, mesmo um pouco teimoso. Continua em busca da sua própria perfeição, num trabalho árduo e disciplinado que fêz de seu nome um dos mais ilustres no mundo da música.

ARTHUR RUBINSTEIN

A magia de Artur Rubinstein, o pianista que põe corpúsculos vermelhos em Chopin, centelhas elétricas em Stravinsky e rugir de trovão em Beethoven, será admirada mais uma vez no cinema. Ao nos embevecermos com a sua técnica em o "Côro das Fiandeiras", de Mendelssohn, "Sonho de Amor", de Liszt, a "Valsa em Dó Sustenido" e a "Polonaise em Lá'', de Chopin, estaremos não só apreciando a sua inigualável mestria no teclado, em "close-up'', como também aspectos de sua vida no lar, que é tão colorida quanto a sua execução. Em 1932, com 42 anos de idade, Rubinstein pôs um ponto final na sua vida de solteiro. — "Uma vida assim não tinha sentido nem finalidade. Só podemos apreciar o êxito através dos olhos de um ente querido, com quem possamos compartilhá-lo...'' — disse o reputado pianista. Para a filmagem de "Os Expoentes da Música'', os "cameramen" e diretores tiveram permissão de invadir o lar de Rubinstein, pela primeira vez e o público verá, como não foi dado a ninguém ver a impenetrável dignidade de Rubinstein em seu lar, o seu talento e o seu amor à vida. "Creio que todos gostariam de saber como consegui que Rubinstein aparecesse no filme'' — disse Polk, um dos realizadores desta produção. — "Eu lhe perguntei: — Que tal gostaria de ver um filme do próprio Chopin ao piano?'' — "Eu daria alguns anos de minha vida para que isto acontecesse...'' — respondeu Rubinstein e concluiu sorrindo: — Você tem razão, eu tomarei parte no seu filme, Rudy.''



RÁDIO

O passado deixa, às vêzes, recordações que não se apagam nunca, e que desejaríamos ver novamente realizadas. E se acaso o destino as faz reviver, nós a recebemos com o mesmo carinho antigo.

Êsse é o caso da agradável surprêsa da volta de Mário Reis, em fins do ano passado, com um álbum de gravações de músicas de J.B. da Silva, o popularíssimo "Sinhô" dos sambas cariocas de há vinte e tantos anos, e que tantos sucessos alcançou.

Sinhô tinha um estilo próprio que fêz época e teve muitos seguidores. Êle, personalíssimo, modificou as linhas do samba, seguidos até então, com um poder de penetração na alma do povo, que lhe deram um nome que jamais se apagará da memória dos apreciadores da música popular brasileira. E, em Mário Reis, "Sinhô" encontrou o seu intérprete ideal. Há muito êsse cantor estava afastado dos discos e do microfone. Mas voltou, talvez mais apurado em sua maneira de cantar, mais firme em sua voz, com a mesma excelente dicção antiga e, o que é interessante para os que acompanharam a evolução da forma de cantar o samba, capaz de interpretar de acôrdo com o estilo atual das orquestrações sem fazer da sua personalidade tão conhecida e tão imitada em outros tempos. Quero dizer que, no álbum editado pela Continental, as músicas de "Sinhô" foram apresentadas com orquestrações feitas em forma de arranjo para os atuais conjuntos, sem que se lhes tirassem as características com as que foram criadas, um trabalho admirável de Radamés Gnatali. E, Mário Reis acompanhou essa transformação cantando talvez melhor do que antigamente. Pena é que o cantor, que, mesmo em seus áureos tempos, pouco aparecia nos estúdios de "broadcasting", continue nessa mesma atitude. O rádio muito lucraria com a adesão de Mário Reis aos seus programas, porque êle tem um estilo próprio, uma personalidade inconfundível, e seria interessante a sua apresentação ao microfone de nossas emissoras. E assim, J.B. da Silva, o "Sinhô" dos sambas de há vinte e tantos anos, que trabalhou até morrer, como um lutador que não conheceu derrota, porque nunca abandonou a luta, reviveria para satisfazer a nossa saudade, através do seu ótimo intérprete, como acontece com o saudoso Noel Rosa, que ainda ouvimos dia a dia pela voz de Aracy de Almeida. Tôdas as músicas do álbum foram criadas e gravadas por Mário Reis e representam uma época da nossa música popular. Reeditá-las é fazer rezenha histórica, é reviver tempos gloriosos da vida do samba, é fazer justiça à figura de "Sinhô", autor de tantos sucessos inesquecíveis: E o seu grande intérprete podia completar a obra, através do rádio, cantando em pessoa as músicas do compositor que viveu, sofreu e morreu criando melodias e falando à alma popular a linguagem dos que compreendem os seus gostos e as suas tendências.

MAX NINO



Urbano Lóes, um dos grandes valores do nosso rádio, notabilizou-se pela sua dicção correta, e sua popularidade aumentou pela sua atuação no programa "Conversa em família", que iniciou na Rádio Globo, e levou depois para a Mayrink Veiga, onde atualmente está atuando. O notável homem de rádio, tomou posse, recentemente, da cadeira de vereador que ocupava na Câmara Municipal o escritor Magalhães Júnior. Urbano Lóes não desmerecerá do mandato que lhe foi outorgado pelo povo desta capital, e já se anuncia que apresentará vários projetos, marcando sua passagem pela Câmara, entre os quais um que se refere as crianças, procurando atender a êsse problema tão sério em nossa terra.

NOTAS

Vitoriosa a primeira etapa do "broadcasting" da Rádio Eldorado, cuida agora a ZYZ-22 do preparo de sua segunda etapa, que será marcada pelo lançamento da série "Educando e Divertindo". Como sabem os leitores, a finalidade da emissora de Anna Khoury é nitidamente cultural e educativa. Mas todos os "scripts" da série "Educando e Divertindo" terão linguagem direta e simples, ao alcance de qualquer inteligência.

★

O programa de Calouros em Revista, da Rádio Tupi, viveu domingo 25 de maio p. p. um dos seus grandes dias, pois estêve movimentadíssimo, sobretudo no que se refere às opiniões dos juízes que, agora, auxiliam Ari Barroso no julgamento dos candidatos aos prêmios. O juiz gongado, então, trouxe o auditório em permanente ilaridade, tais os têrmos do que se servia para classificar os calouros.

★

A nota diferente no quadro de locutores da Rádio Eldorado é a voz gaúcha de Dinah Mezzomo. A festejada atriz cinematográfica introduz um tom absolutamente novo na locução radiofônica, fugindo aos moldes comuns. Tem uma voz deliciosamente esquisita, que os homens ouvem com prazer. Dinah Mezzomo apresenta na ZYZ-22, de segunda a sexta-feira, das 20,30 às 21 horas, o "Big Broadcast" em que desfilam suas melodias preferidas.

★

Dircinha Batista cantou, em homenagem à sua irmã Linda, o seu número de grande sucesso, "rapsódia" numero três, no qual revela suas excepcionais qualidades de grande cantora.

★

Realizou-se no dia 17 de maio p. p., o Primeiro Congresso de Radioginastas, no Auditório do IPASE, sob a presidência do professor Oswaldo Diniz Magalhães, tendo sido apresentadas e aprovadas 17 teses, tôdas referentes ao "mais útil programa do rádio", que fêz a 16 último, 20 anos de ininterrupta existência. O professor Magalhães, que seus alunos chamam "O Mensageiro da Saúde", teve ocasião de verificar o quanto é estimado e admirado por todos os que acompanham, radioginastas ou não, o seu trabalho de 20 anos de propagação de ensinamentos de eugenia, de saneamento moral e de esclarecimento intelectual e cívico.



Silvio Caldas vai cantar em São Paulo, de volta de sua viagem ao interior do Brasil. Silvio está se esquecendo de suas fãs cariocas. Um cantor não se pertence, e sim ao seu público. Silvio Caldas precisa vir matar as saudades de suas ouvintes cariocas.

INTERESSANTES CONSELHOS DE JEAN HAGEN

Por PENELOPE WILLIAMS

"Um rosto bonito poderá abrir muitas portas — porém é preciso mais que isso para conservá-las abertas!"

A autora desta frase é a atriz Jean Hagen. E ela o faz com conhecimento de causa, pois tem passado a maior parte de sua vida no mundo do entretenimento, onde o encanto e a personalidade são fatôres essenciais.

— Para ser realmente uma bela e encantadora mulher — diz ela, — você precisa possuir muitos atributos. Precisa ser extremamente zelosa de sua aparência física, de seus gestos e porte, de sua conversação; precisa saber escutar e deve ter uma personalidade cativante.

— Êste fato impressionou-me bastante — prossegue a atriz, — com o papel que representei na película "Cantando na Chuva". A pequena da fita é uma **glamourosa** estrêla do tempo do cinema mudo, que cai no ostracismo com o advento do som porque — você advinhou — sua voz era áspera e metálica.

— E isso sucede com as mulheres na vida de todos os dias. Atravessam a existência julgando que vozes bonitas são um dom da natureza. Não compreendem que vozes agradáveis, com raras exceções, são resultantes de intensos exercícios.

A atriz convém que as mulheres talvez não o saibam, mas a voz vale tanto quanto a aparência na interpretação de uma personalidade. Embora alguém possua tôdas as outras qualidades de uma encantadora mulher, se a voz falha, a boa impressão causada à primeira vista cai fragarosamente por terra.

— Infelizmente — diz a atriz, — nem sempre é possível ir-se a um instrutor de dicção para treinamento da voz. Felizmente, isso nem sempre é necessário, embora pessoalmente eu creia que maior número de mulheres deveriam receber aulas, atualmente. Porém sempre é possível passar-se alguns minutos cada dia fazendo exercícios para melhorar a voz.

— Primeiro que tudo, a melhor maneira de você descobrir como sua voz sôa ao próximo é ouvir-se a si própria por meio de uma gravação. Ficará surprêsa ao verificar que não fala como pensava. Depois compare a tonalidade de sua voz com as vozes de pessoas que falam bem; em seguida, quando falar, esforce-se para conseguir aquêle mesmo tom melodioso que você tanto admira.

— Quando fizer isto, lembre-se de que seu corpo é um instrumento de sôpro. Tôdas as suas partes têm papel no processo da fala. Essenciais a êste processo são a boa postura, respiração adequada e flexibilidade da língua.

— Eis alguns exercícios que você poderá fazer em casa, para melhorar sua voz:

— Para conseguir posição correta para falar, imagine, sem tornar-se tensa, uma

(Cont. na pág. 28)



PATRICE WIMORE JÁ FO

UM acontecimento inesperado certo dia transformou a vida de Patrice Wymore, simples corista de teatro, elevando-a ao estrelato. Vamos contar como o fato sucedeu.

Patrice, apesar de tôda sua beleza e "charme", começou de baixo, e na época em que o "milagre" ocorreu era simples corista como tantas outras moças. Mas a "estrêla" da peça adoeceu sùbitamente, e o diretor Michael Todd andou procurando quem pudesse substituí-la. E escolheu Patrice Wymore, dando à encantadora artista, a maior oportunidade de sua carreira.

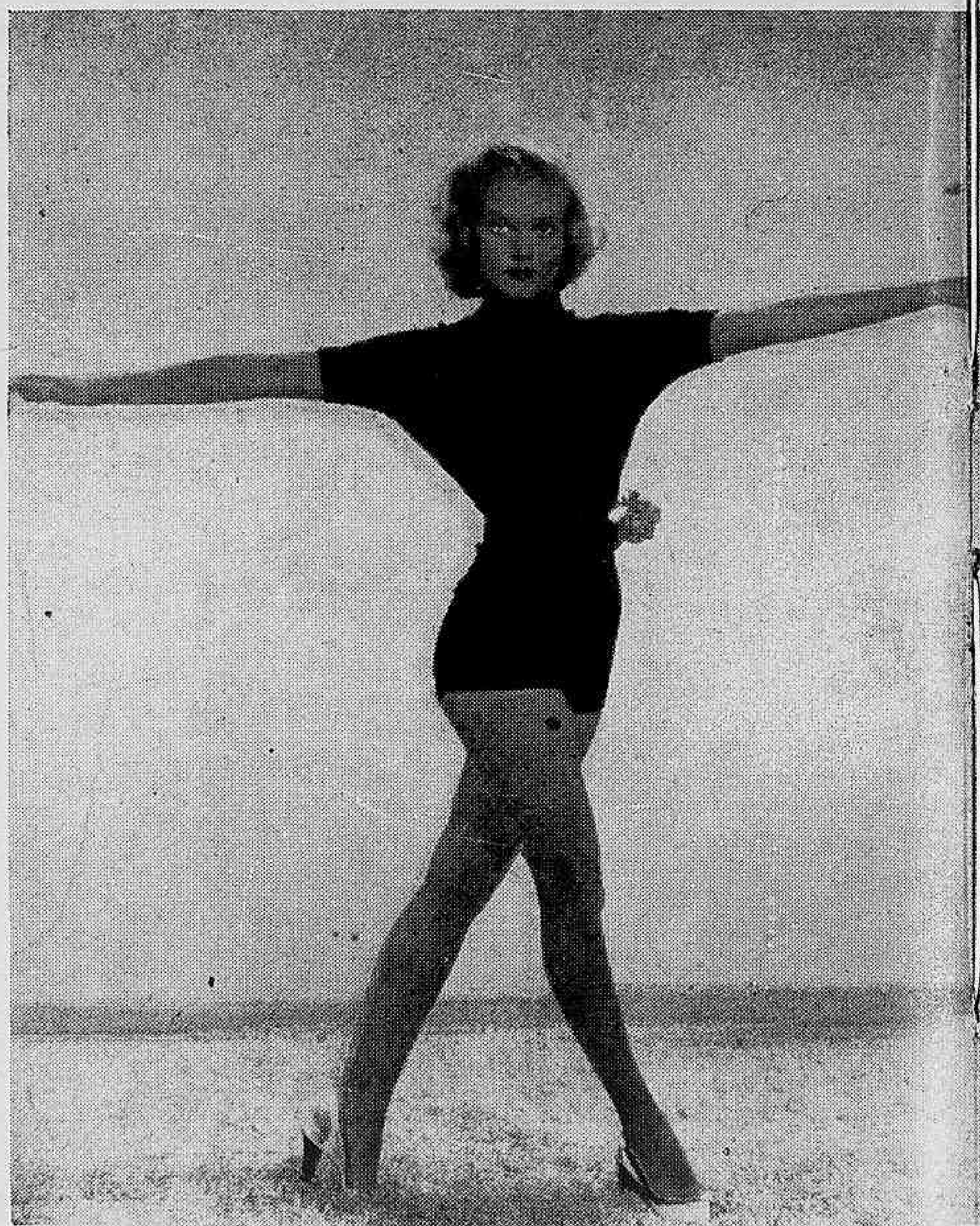
A vida reservava porém outras surprêsas para a nova "estrêla", e isso aconteceria justamente em seu primeiro filme, sim porque depois de uma estréia inesperada e conseqüente sucesso, Patrice fôra tentar Hollywood. Seu primeiro filme tinha como astro principal Errol Flynn. Foi um caso de amor à primeira vista. Errol viu Patrice e seu coração começou a dar uns pulinhos exquisitos. Patrice conhecia Errol de nome e com muito custo pôde conter sua emoção. Viu Errol de perto e também seu coração sentiu qualquer coisa que antes jamais sentira. Seria amor? — perguntou Patrice a si mesma. Seria amor- — repetiu Errol. Foram ver. Era mesmo! Casaram e são muito felizes. Mas, esperem! A história da moça não termina aqui. Continuemos, pois.

Apesar de muito jovem, Patrice já se considera uma veterana da arte teatral e cinematográfica, pois aos seis anos começou dando mostras de sua vocação dançando nas festas de benefício. Alguns coraçõezinhos infantís, nessas ocasiões, pulsavam pela pequena Patrice, que desde criança, é bom que se diga, foi uma criatura encantadora. Formou por algum tempo dupla com uma amiga e atuaram juntas até que a outra se casou e deixou o teatro. Os pais de Patrice

E recomenda às mulheres tomarem diàriamente uma lição de bailado

Apesar de ter deixado de ser corista, Patrice acha que uma mulher deve sempre manter a linha

Um pouco de ginástica, tôdas as manhãs é o que aconselha a atual espôsa de Errol Flynn às moças que desejem manter sempre um belo físico. Assim mesmo



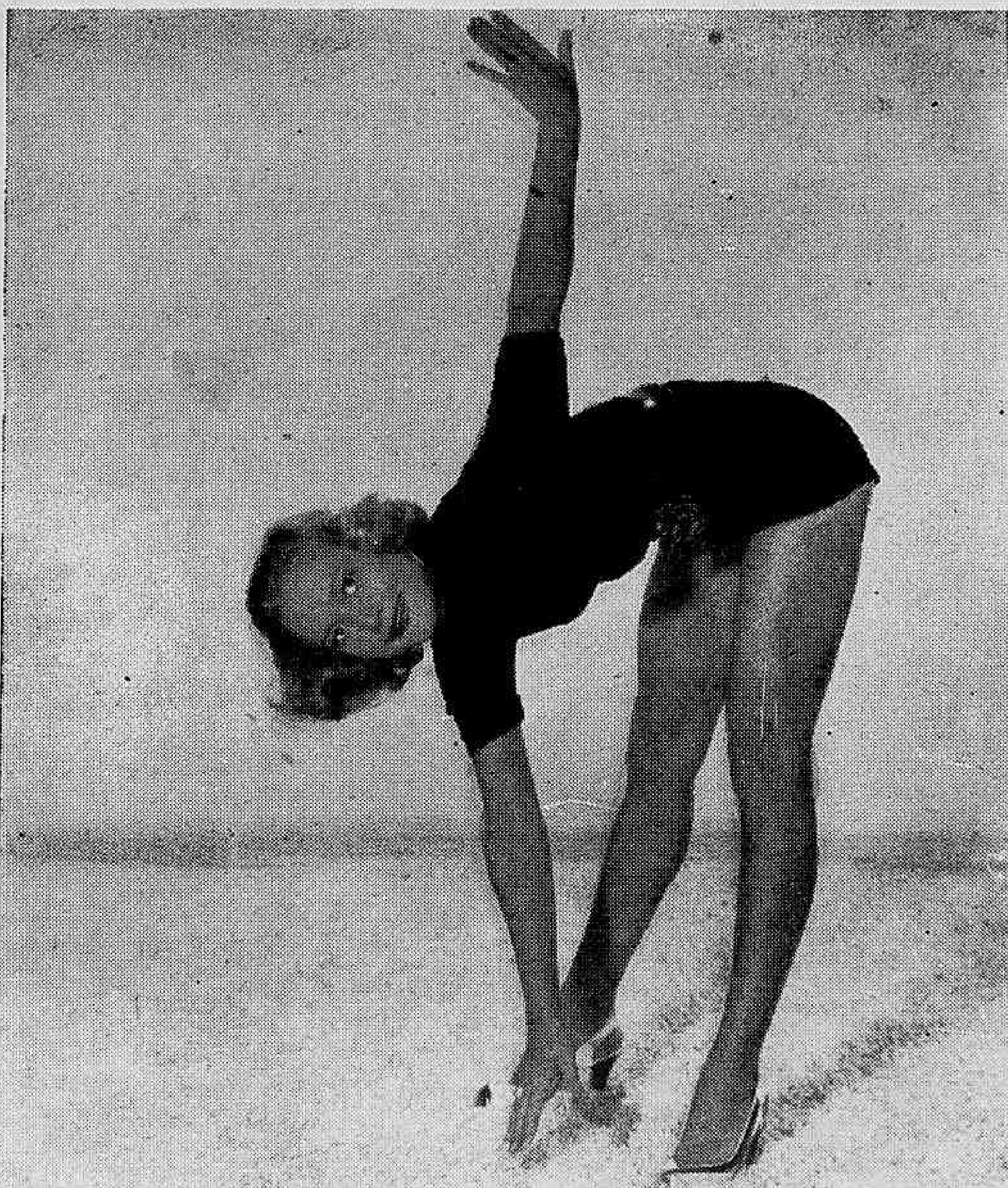
OI CORISTA

julgaram que era a melhor chance de enviá-la para uma Universidade, pois não acreditavam que a filha viesse algum dia a fazer carreira no palco. Patrice viajou então para Nova York e não foi, como é fácil prever, para o colégio e sim para o teatro, estreando na peça "Mexican Hayride". Com a companhia percorreu os acampamentos de soldados americanos em missão no Pacífico, mas sòmente em sonho, porque a idade não permitiu que o fizesse realmente! Permanecendo na Broadway apareceu em várias revistas musicadas, e atuou em clubes noturnos, passando por Chicago, Miami e outras cidades, sempre como artista de clubes, programas de rádio e televisão.

Já é tempo de dizermos aos seus "fans" que Patrice nasceu em Miltonville, Estado de Kansas, num certo dia 17 de dezembro. Seus olhos são de matiz que lembra o ambar, seus cabelos são encaracolados, o que aumenta-lhe a graça e o "glamour". (Como ela é "glamourosa"!). Acha a vida ao ar livre qualquer coisa adorável, e não perde as viagens que Errol Flynn empreende, indo com êle pescar, jogar tênis, praticar equitação e navegar, principalmente navegar... Sua côr favorita é o verde, côr da água do mar. (Simples atração, não acham?). E como é uma rosa de carne, prefere sempre as rosas entre tôdas as flores... Querem saber a receita que considera infalível para conservar-se bela? Tomem nota: "Descansar o suficiente e fazer dieta adequada. Estar sempre imaculadamente limpa e cuidadosamente bem arranjada. Conservar o bom-humor custe o que custar. E' recomendável tomar diàriamente uma lição de bailado". Ela assim o faz porque além de atriz é graciosa bailarina.

Patrice é muito popular em Hollywood e a razão é sua sociabilidade. Patrice, é uma criatura que não sabe como deixar de enviar cumprimentos às amigas que aniversariam ou deixar de tomar parte nas festas para as quais é convidada. E faz isso com visível bom-humor e transbordante boa-vontade. Para as filhinhas de Flynn, Dierdre e Ray, a "glamourosa" Patrice é a mais dedicada das amigas. Flynn se considera um homem feliz e tem razões de sobra para sentir-se assim, vocês não corcordam?

No elenco da Warner, entre as novas "estrêlas", Patrice Wymore surge como uma das promessas para um futuro glorioso. Assim seja. Ela merece.



Pequena história do Cinema Português

II

A produção portuguêsa, que até aqui se mostrara, em cada ano, pouco numerosa, atinge em 1938 um muito apreciável nível quantitativo, pois nesse ano cinco filmes saem dos nossos estúdios. São êles: "A Rosa do Adro", "Maria Papoila", "Aldeia da Roupa Branca", "Os Fidalgos da Casa Mourisca" e "A Canção da Terra".

O primeiro é a adaptação do romance de mesmo título, de Manuel M. Rodrigues, obra que havia já tentado os nossos produtores, pois a Invicta Filme, em 1919, transpusera pela primeira vez para a tela a conhecida novela daquele escritor. Desta vez coube a Chianca de Garcia a realização do filme. Maria Lalande, grande atriz de teatro, dos melhores nomes da sua geração, é aqui, pela primeira vez, a intérprete dum filme sonoro. A seu lado tomavam parte na distribuição Adelina Abranches, Oliveira Martins, Elsa Rumina, Tomás de Sousa, Manuela Couto Viana, Henrique Albuquerque, Antônio Sacramento, Vital dos Santos, Costinha, Silvestre Alegrim, João Lopes e Emília de Oliveira, uma atriz que tantas vêzes voltaria a aparecer no écran, pois numerosos são os filmes em que se veria a sua silhueta.

Primeiro filme dirigido por Jorge Brum do Canto, de quem é também o argumento, "A Canção da Terra" ficou a marcar na história do nosso cinema um lugar de seguro destaque, pois se tratava, indubitàvelmente, de uma obra de grande relêvo e vigoroso estilo. A ação decorria na Ilha de Pôrto Santo, perto da Ilha da Madeira, e o filme contava-nos, em imagens expressivas e muitas delas de rara beleza plástica, o drama rude da sêca, com que, tantas e tantas vêzes, os seus habitantes são fustigados. Filmado na sua totalidade naquela Ilha do Atlântico o filme, de que Aquilino Mendes fôra o operador, teve por intérpretes Barreto Poeira, Elsa Rumina, que se estreava no cinema, Antônio Moita, Maria Emília Vilas, Oscar de Lemos, Celestino Soares e o pequeno João Manuel.

Segue-se-lhe, na ordem de produção, "Os Fidalgos da Casa Mourisca", que marca a estréia, no campo do fonocinema, de Arthur Duarte como diretor de filmes em Portugal.

Tem por base um romance, também muito conhecido entre nós, "Os Fidalgos da Casa Mourisca" de que é autor Júlio Diniz, o seu fotógrafo é Aquilino Mendes e da sua distribuição fazem parte Maria Castelar na personagem de Berta; Tomás de Macedo, na figura de **Jorge**; Eduardo Fernandes, em **Maurício**; Henrique de Albuquerque, no **D. Luís**; Teresa Casal, mulher do realizador, em **Gabriela**; João Lopes em **Tomé da Póvoa**; Emília de Oliveira no papel de sua mulher; Gabriel Lopes em **Frei Januário**; assim como Vital dos Santos, Silvestre Alegrim e Aurélio Ribeiro nos **Primos do Cruzeiro**.

Chianca de Garcia dirige ainda nesse ano um novo filme. Tem por título "A Aldeia da Roupa Branca", baseando-se num argumento original da autoria daquele realizador e de José Gomes Ferreira.

"A Aldeia da Roupa Branca", filme feito com muito acêrto e em que se destacam alguns momentos de forte beleza espetacular, teve por intérpretes Beatriz Costa, numa das atuações mais felizes da sua carreira cinematográfica, José Amaro, Oscar de Lemos, Elvira Velez, Armando Machado, Manuel Santos Carvalho, Hermínia Silva e Otávio de Matos. A boa fotografia deve-se à competência dos dois operadores Aquilino Mendes e Otávio Bobone.

O ano seguinte — ou seja o de 1939 — é um dos anos em que um único filme se encontra a marcar o sinal da produção portuguêsa.

E' êle "A Varanda dos Rouxinóis", decorrendo no meio dum desporto muito popular entre nós — o ciclismo — e tendo por realizador Leitão de Barros que faz, com êste filme, a sua segunda fuga dos temas de ambiente histórico. Interpretam o filme Maria Matos, Antônio Silva, Costinha, Madalena Sotto, que no cinema, neste filme se estreou e o galã Oliveira Martins, Dina Teresa e o ciclista Noé de Almeida. A fotografia do filme encontra-se assinada por Salazar Diniz e Otávio Bobone.

Três filmes se apresentam como ativo do ano de 1940 e têm por título "Feitiço do Império", "João Ratão" e "Pão Nosso".

Produção da Agência Geral das Colônias, organismo oficial, "Feitiço do Império", constituindo um elemento de propaganda de algumas das nossas províncias ultramarinas, foi realizado por Antônio Lopes Ribeiro e filmado nos exatos locais em que a ação decorria, pelo que se deslocou à África Portuguêsa uma Missão Cinematográfica.

Com argumento de Joaquim da Mota Júnior e com fotografia de Isy Goldberger e Manuel Luís Vieira, entre os intérpretes do filme contavam-se Alves da Cunha, Antônio Silva, Estevão Amarante, Isabela Tovar, que o realizador "descobrira" em Angola, Luís de Campos, Madalena Sotto e Emília de Oliveira. Antônio Soares é o responsável pelos "décors" do filme, alguns dêles dos mais volumosos que até então haviam sido levantados em estúdios portuguêses.

"João Ratão", outro dos filmes dêsse ano, baseia-se numa opereta que, após a guerra de 1914, alcançou nos palcos do nosso país um êxito extraordinário. Adaptada ao cinema por Fernando Fragoso, o nosso especialista N. 1 nesse gênero de trabalho, e por Jorge Brum do Canto, realizador do filme, do qual Aquilino Mendes foi o fotógrafo, faziam parte do elenco Antônio Silva, Oscar de Lemos, Maria Domingas, Manuel Santos Carvalho, Álvaro de Almeida, Costinha, Teresa Casal, Aida Ultz e Antônio Maia.

Armando de Miranda, que havia realizado já várias "curtas metragens", tem em "Pão Nosso" o seu primeiro filme de fundo. Dêle é também o argumento. A interpretação do filme foi confiada a Leonor d'Eça, Paiva Raposo, Luísa Melanie, Antônio de Sousa, Selénio Calheiros e Silvestre Alegrim. A fotografia pertenceu a dois técnicos de grande competência, Salazar Diniz e César de Sá.

(Continua)

10 REQUISITOS PARA O ÊXITO CINEMATOGRAFICO

Por M. BERUMEN

1—Sinceridade

2—Paciência

3—Tolerância

4—Consideração

5—Perseverança

6—Falta de egoismo

7—Humildade

8—Honradez

9—Fé

10—Merecer confiança

É muito frequente aparecerem publicadas as dez inevitáveis regras para isto ou aquilo, desde o perder pêso até a pesca do peixe-espada.

Agora trazemos uma "dezena" destinada aos milhares de jovens que sonham com ver seus nomes em letras luminosas, conquistar fama e fortuna no cinema e tomar tranquilamente seus banhos de sol junto à sua piscina particular, sinal inequívoco de sucesso financeiro.

Por isso, damos ao lado os dez requisitos para triunfar na tela, segundo um diretor.

Trata-se de Fletcher Markle, moço em idade, porém velho em experiência. Suas observações são fundamentadas num longo período como produtor e diretor de programas radiofônicos. Quanto a películas, foi êle quem dirigiu Ray Milland e Nancy Davis em "Veneração". Essa película, altamente dramática, foi aclamada como uma de suas mais destacadas proezas diretoriais. Sua nova fita, "O Homem das Sombras", inclui personalidades do porte de Joseph Cotten, Bárbara Stanwyck, Louis Calhern e a francesinha recém-chegada a Hollywood Leslie Caron.

Dest'arte, se o estrelato é a ambição de você, é dêsses mandamentos que você necessita para atingí-lo, conforme Markle:

Estas qualidades, dirão muitos, são muito difíceis de lograr, especialmente tôdas em conjunto. Porém não é coisa difícil possuí-las.

— Averigue você as características das maiores estrêlas ou astros cinematográficos, cuja popularidade não haja decrescido desde que começaram a alcançar o êxito, e se convencerá de que estão cem por cento à altura da relação acima — diz Markle. — Uma em particular de quem me recordo no momento é Bárbara Stanwyck, com quem trabalhei recentemente em "O Homem das Sombras".

Para ilustrar sua assertiva, Markle tomou sua lista com u'a mão e com a outra apontou para Bárbara.

— Olhemos isto de um ponto de vista objetivo — continuou. — Tomaremos como exemplo "O Homem das Sombras", e creio que poderei demonstrar o que quero dizer.

Markle referiu-se, então, à SINCERIDADE.

— Bárbara é sincera quando toma a seu cargo um papel cinematográfico, — explicou, — como um médico ou um advogado lidam com determinado caso. Ela crê no personagem da película, Lorna. Estava convencida de que o papel era interpretável. Como resultado, aceitou o desempenho, com preferência a outros, porque acreditou que podia fazer melhor trabalho com o referido papel.

Quanto à PACIÊNCIA, Markle citou o caso de um corvo que aparece na película.

— Qualquer pássaro ou outro animal, não importa quão bem amestrado seja, oferece um problema quando se trata de um filme — observou Markle. — Bárbara teve inúmeras cenas com a ave, as que precisaram ser repetidas diversas vêzes. Contudo de seus lábios não saiu uma palavra de queixa.

Sua CONSIDDERAÇÃO manifestou-se em várias ocasiões. Uma delas foi quando o diretor apegou-se a um detalhe relacionado com um extra de idade avançada que devia subir uma escada enorme diversas vêzes, enquanto a estrêla gritava



O diretor Fletcher Markle, moço em idade mas velho em experiência, cita Bárbara Stanwyck como possuidora de todos êsses requisitos

de uma sacada. Compreendendo que o homem se encontrava extenuado, Bárbara pediu um intervalo sob o pretexto de que sua garganta necessitava de repouso.

— No que se refere à HUMILDADE, — disse Markle sorrindo — ela nunca se esqueceu dos dias em que lutava para abrir caminho, e os menciona com freqüência para levantar o moral de todos aquêles que se deixam dominar pelo desânimo.

O fato de que Barbara Stanwyck é PERSEVERANTE, provou-o Markle citando como exemplo uma canção. Era a primeira vez em vários anos que tinha que cantar ante as câmaras. Trabalhou sem descanso dia e noite e até aos domingos para aperfeiçoar suas qualidades vocais.

Sua FALTA DE EGOÍSMO manifestou-se em suas relações com Leslie Caron, recém-chegada aos estúdios de Hollywcod.

— Nunca perdeu ocasião para ajudar a moça — diz o diretor — ainda quando em muitos casos teve que sacrificar o lugar de destaque que lhe competia.

E quanto à HONRADEZ?

— Estávamos a ponto de concluir a película — relatou o diretor. — Suscitou-se a questão da mudança de uma cena. Esta mudança, se fôsse levada a efeito, daria relêvo ao personagem vivido por Barbara, fazendo-a parecer menos vilã.

— A resposta da estrêla foi "não". Naturalmente a idéia não lhe desagradava, porém, recusou beneficiar-se dêsse modo.

— Enfraquecerá o enrêdo da película no conjunto. Se vão odiar-me, que importa que me odeiem totalmente?

Que ela MERECE CONFIANÇA inteiramente, ficou demonstrado durante uma agitada hora de almôço. No dia anterior a atriz havia marcado uma entrevista, em que seria fotografada em companhia de um grupo de soldados. Êstes atrasaram-se, chegando ao estúdio quando a hora do almôço já havia quase transcorrido. Barbara esperou pacientemente, embora aquilo significasse que ela ficaria sem almoçar, foi amável e gentil para com seus convidados, e cumpriu a promessa ao pé da letra.

Com respeito à qualidade da FÉ, mencionaremos as mesmas palavras de Barbara:

— A fé — diz ela — não é fácil de adquirir, porém uma vez que a pessoa a possua, a vida torna-se muito mais agradável. A autoconfiança é muito importante, mas a fé em nossos semelhantes é que faz que tôdas as nossas ações valham a pena.

Para terminar com suas "dez" regras, Markle falou da qualidade da TOLERÂNCIA.

— Certo dia, no "set", encontrava-se um jovem artista que ia ter sua primeira grande oportunidade — disse o diretor. — O rapaz estava nervoso, de tal forma que continuamente esquecia-se de suas linhas ou as gaguejava. Barbara propositadamente cometeu alguns erros e logo pediu que suspendessem a filmagem. Chamou o rapaz à parte e ficou conversando com êle. Minutos depois, ambos se achavam diante das câmaras e o jovem apresentou magnífica atuação.

Markle nunca pôde saber o que Barbara disse ao novato. Naturalmente falou-lhe do natural nervosismo de todo principiante.

— Uma companhia de trabalhadores de um estúdio é o melhor barômetro para julgar sôbre as potencialidades estelares de uma pessoa — concluiu Markle. — Procure saber dos operários e técnicos de um estúdio a respeito de uma estrêla, e a reação será a resposta. E Barbara Stanwyck tem todos êsses homens a seu favor.



«Tive a oportunidade de verificar que Bárbara é uma estrêla completa durante as filmagens de «O Homeme das Sombras». E todos os operários do estúdio estão de acôrdo comigo» — declarou Markle.

GENE NELSON

A ninguém é dado o direito de descobrir seu futuro, e no caso de Gene Nelson, o extraordinário dançarino dos estúdios da Warner Bros., essa verdade foi comprovada. Imaginem vocês que Gene Nelson antes de alçancar o seu ideal na vida, exerceu as mais variadas profissões, e entre elas a de aprendiz de padeiro, vendedor de uma casa de artigos masculinos e garçon de restaurante...

Gene Nelson é um dos melhores dançarinos dos Estados Unidos e também como patinador, aparece com desta que entre os ases dêsse esporte.

Os pés mágicos de Gene, realizam verdadeiros milagres de elegância ritmica, ao mesmo tempo que surpreende em cada novo número, com os mais apurados movimentos de acrobacia. Tal a sua habilidade, que de há muito está entre os dois outros dançarinos considerados os mais notáveis da época: Fred Astaire e Gene Kelly.

A arte coreográfica de Gene, inclui o sapateado, os saltos acrobáticos e o "ballet" em forma estilizada por êle. Depois que Roy Prinx, coreógrafo dos estkdios Warner lhe explica a idéia dos números que deve apresentar em determinada produção, Gene, ajudado por sua espôsa, Miriam Franklin, também bailarina, seleciona os motivos da dança a ser executada, e pratica horas e horas, procurando sempre a perfeição dos movimentos.

A vida para Gene Nelson e sua espôsa, se resume na dança e muitas vêzes os amigos do casal encontra-o dançando na própria residência, depois de afastar convenientemente os móveis. Até as amizades que possuem estão ligadas à dança, e assim é que os amigos mais íntimos são Marge e Gower Champion, dançarinos.

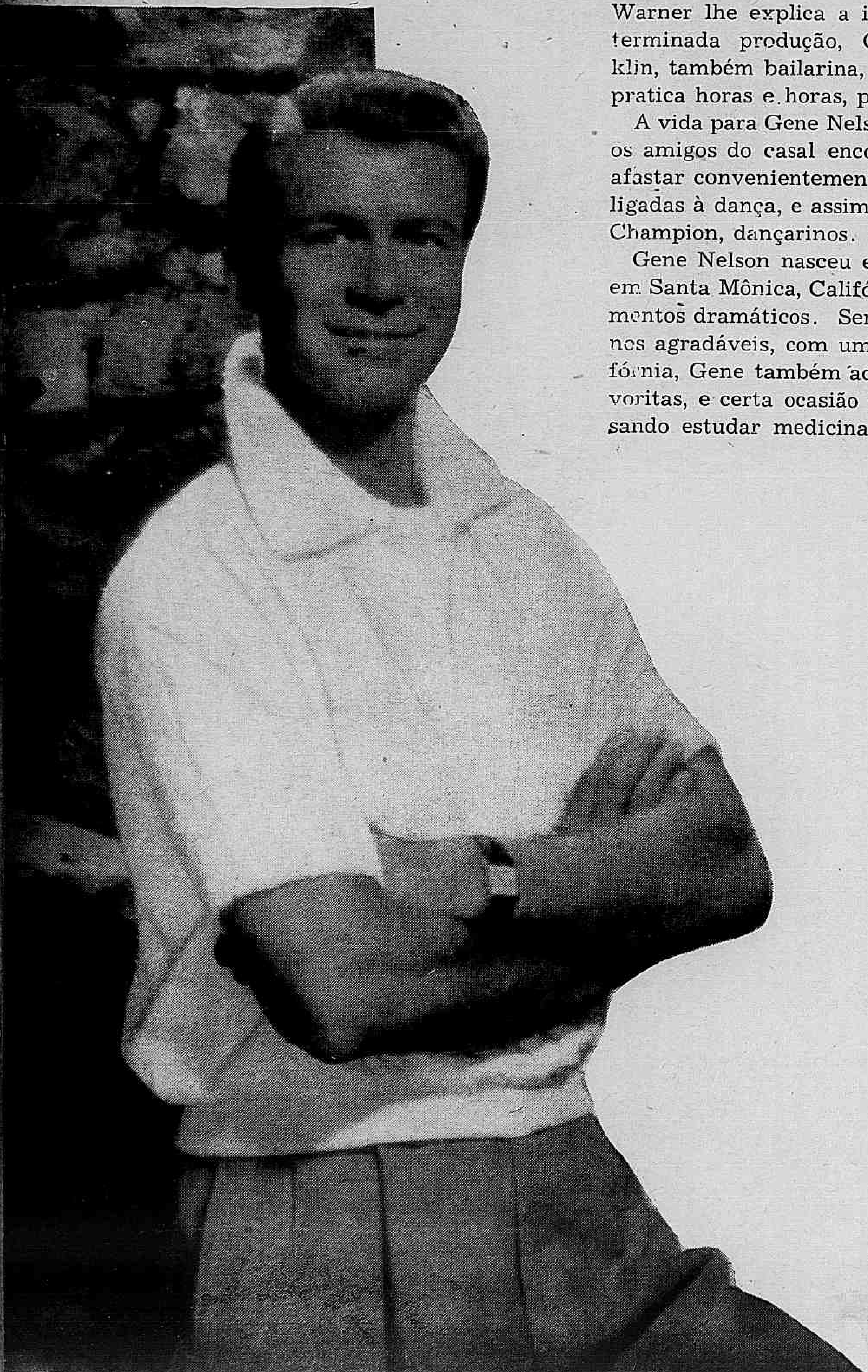
Gene Nelson nasceu em Seattle, Estado de Washington, mas foi criado em Santa Mônica, Califórnia. Sua vida tem sido muito agitada e teve momentos dramáticos. Sendo uma criatura alegre, enfrenta os instantes menos agradáveis, com um sorriso. Como todos os meninos do sul da Califórnia, Gene também adora o mar. A natação é um dos seus esportes favoritas, e certa ocasião quase se afoga. Cursou uma escola superior pensando estudar medicina mais tarde e especializar-se em doenças do coração e do cérebro, mas desistiu.

E' de complexão robusta e para isso contribuiram os anos de vida ao ar livre, carreiras tôdas as manhãs e vários esportes praticados com entusiasmo. Seu físico muito o ajudou quando começou a bailar sôbre o gêlo, e sabem onde iniciou sua vida de patinador? Na Califórnia, isso mesmo, na Califórnia, terra do Sol!

Na escola, havia tomado parte em números de dança, e aliado a isso sua habilidade para patinar, pôde entrar para os espetáculos de Sonja Hênie. Com essa artista, Gener atuou no teatro e na tela, até que a Segunda Guerra Mundial veio recrutá-lo e êle foi servir no Corpo de Sinaleiros. Mesmo assim, Gene não deixou de dançar, pois Irving Berlin convidou-o a tomar parte em sua obra "Isto é o Exército", e nesse espetáculo o jovem dançarino correu mundo.

Logo que deixou a farda, Gene ingressou no Center Theatre de Nova York onde foi chamálo a Fox para um contrato, por indicação da "estrêla" June Haver. Êsse contrato acabou e Gene organizou sua própria companhia, atuando nela quatro meses. Depois foi contratado pela Warner e se revelou um grande dançarino. Tomou parte em vários filmes e entre êles "Conquistando West Point", No No Nanete" e "Vocação Proíbida", ao lado de Doris Day, com quem forma uma dupla muito interessante.

(Cont. na pág. 34)



Bailarino acrobata inigualável, um dos melhores dos Estados Unidos

A FOTO SENSACIONAL

O REGRESSO DE RITA



O fotógrafo Lippman surpreendeu Rita Hayworth quando ela dançava nos estúdios da Columbia em seu primeiro filme após sua ausência por três anos: "Affair in Trinidad". Glenn Ford será o seu galã.

ARTISTAS FRANCESAS QUE COMPARECERAM AO FESTIVAL DE CANNES

Fotos de LUCIEN-CHEVERT
e SAM LÉVIN



GABRIELE DORZIAT
«Mamãe-vovó» do Festival



ODILE VERSOIS
Muita classe



VIVIANE ROMANCE
Compareceu à abertura



CLAUDE NOLLIER
De «O Direito de Matar»



SUZY DELAIR
Participou do desfile



THEDA THAMAR
Figurinha que surge



MADELEINE ROBINSON
Apenas três dias

OS VENCEDORES DE CANNES EM 52

GRANDES PRÊMIOS:

"DOIS CENTAVOS DE ESPERANÇA"
Filme italiano de Renato Castellani
e
"OTELO"
Filme de Orson Welles

PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI:

"SOMOS TODOS ASSASSINOS"
Filme francês de André Cayate

PRÊMIO DE FILME LÍRICO:

"O MEDIUM"
Filme americano de Gian Carlo Menotti

PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI
PARA UM DOCUMENTÁRIO:

"GROELÂNDIA"

PRÊMIO DE DIREÇÃO:

"FANFAN LA TULIPE"
Filme francês de Christian Jaque

PRÊMIO PARA ADAPTAÇÃO:

"POLÍCIAS E LADRÕES"
Filme italiano, cenário de Piero Tellini

PRÊMIO DE INTERPRETAÇÃO
FEMININA:

LEE GRANT
Em "Detective Story", filme americano

PRÊMIO DE INTEPRETAÇÃO
MASCULINA:

MARLON BRANDO
Em "Viva Zapata", filme americano

PRÊMIO PARA PARTITURA:

"ELA SÓ DANÇA NO VERÃO"
Filme suéco, música de Sven Skold

PRÊMIO PARA FOTOGRAFIA E
COMPOSIÇÃO PLÁSTICA:

"KOHEI SUGIYAMA"
Por "O romance de Genji", filme japonês

PRÊMIO PARA CÔR:

"A GÊNESE ANIMADA"
Filme inglês (Joan e Peter Foldes)

DIPLOMA ESPECIAL PARA
A MELHOR SELEÇÃO:

I T Á L I A
"Dois Centavos de Esperança"
"Umberto D"
"O Capote"
"Polícias e Ladrões"

HOMENAGEM ESPECIAL DO JÚRI:

"LE RIDEAU DRAMOISI"
Média metragem francês de Alexandre Astruc.

SEGUNDO os comentários, estêve bem animado em Cannes, o Festival de Cinema de 1952. Comprovando, uma vez mais, que é êste, realmente, um dos mais bem organizados do mundo. Muito dinheiro se gastou, mas sua finalidade não foi apenas o de atrair turistas, embora a linda cidade francesa estivesse repleta. Champagne, música, mulheres. Ah! mulheres é que não faltaram. Celebridades da tela, jornalistas de todo o mundo. E muitos filmes bons Tão bons que o júri se viu em dificuldade, fazendo o possível para contentar a todos. E, segundo parece, todos ficaram satisfeitos. A imparcialidade do Júri procurou acomodar-se à posição dos concorrentes. E o resultado não foi mal. A elegância e a beleza do mundo feminino estêve presente e a França se fêz representar, fazendo as honras da casa, por suas figuras mais representativas, como Viviane Romance, que ficou apenas alguns dias, pois estava em filmagem; Madeleine Robinson, que permaneceu sòmente três dias; Brigitte Auber, que declarou estar louca de saudades do Rio; Anne Vernon, que pretende vir ao Festival dos cariocas; Gabriele Dorziat, da Comédie Française, que é uma espécie de mamãe-vovó no Festival e todos beijam sua mão em sinal de respeito. E muitas outras estrêlas, como estampamos nestas páginas.



BRIGITTE AUBER
Saudades do Rio



ANNE VERNON
Meiga e bonitinha



SIMONE SIGNORET
Sempre com o marido



SIMONE SIMON
Mais moça?



De RAMALHO NETO

Stan Quenton é um profeta ou uma fraude ?

APRESENTAMOS hoje um artigo publicado no último número de Down Beat, da autoria de Leonard Feather, conhecido crítico de Jazz dos Estados Unidos.

Stan Kenton, aclamado pelos leitores do Down Beat como o regente nº 1 da Américs é verdadeiramente um pioneiro em seu campo, um Messias do Jazz, um vanguardeiro de novos pensamentos e sons? Fãs, críticos e musicistas, concordam igualmente na proeminência da organização Kenton? Ou é Stan Kenton uma fraude e sua orquestra um fracasso?

Stan, é uma das pessoas mais simpáticas e vivas que já encontrei nesse setor e a mais completamente absorvida pela música que o envolve. Por outro lado, houve momento em que cheguei a duvidar da honestidade de Stan relativamente à sua muito louvada sinceridade musical .

STAN NÃO AJUDA

Conversar com Kenton não ajuda. Êle se amarra em nós verbais que nunca chegarão a ser deslindados. Quando, há uns anos atrás, o submeti a uma prova êle tinha o suficiente para dizer acêrca de cada disco, um artigo separado. Mas, seus comentários, desejada delícia dos speaker de jazz, que podiam fazer-lhe uma pergunta e entregar-lhe o microfone o resto da semana, nunca permitiam entender mais claramente os pontos básicos em qualquer discussão penetrante de Kentonia. Êsses pontos são: Quanto tempo pretende Stan ficar no jazz, quantas ligações podem ser feitas entre o jazz e a música clássica, o caso da sua frequente insistência em palavras como: "progressiva" e "inovações" ao publicar sua música e como poderão ser justificadas. Stan falará horas em tôrno disso e de assuntos semelhantes, sem chegar a nenhuma conclusão. Quando se consegue sair do redemoinho, não se sabe realmente, mas teve-se uma conversa muito interessante. Há uma profunda divergência de opiniões sôbre o valor de Kenton. Recentemente tive o trabalho de desbravar 65 "tests" à procura de cada comentário feito com relação aos discos de Kenton. Muito dos comentários consistem ou de elogios moderados, ou condenações diretas. Os críticos formavam um grupo de conhecidos cantores e homens de jazz.

COMENTÁRIOS FAVORÁVEIS

Entre os comentários favoráveis, uma grande parte foi feita há alguns anos passados.

DAVE TOUGH — Kenton libertou-se de Lunceford, eu gosto muito dessa orquestra (1946).



STAN KENTO
Aclamado o «Regente nº 1 da América», pelos leitores de «Down Beat»

RAY MAC KINLEY — Êle dá um jeito de maneira a obter um agradável equilíbrio e continuidade ás suas composições (1947).

TERRY GIBS — Eu não gosto da primeira orquestra de Kenton, mas as cordas em conjunto me fizeram render. Eu gosto dêle agora.

CHUBBY JACKSON — Falando sôbre "Theme to the West", disse: "Altamente dramático, muito emotivo, parece música de cinema".

NEIL HEFTI — Admitiu que êle era suspeito mas falou: "Sei que isto é Stan e gosto de tudo dêle, pessoal e profissionalmente".

CHARLIE PARKER — Achou "Monotony" mágico e maravilhoso, deu cotação boa para "Elegy for Alto".



«Kenton libertou-se de Lunceford; gosto muito dessa orquestra»
(DANE TOUGH)

«Receio que êle seja demasiado sério com muitas coisas que eu acho engraçadas».
(GINNIE POWELL)

TADD DAMERON — Disse que "Pete Rugolo's Mirage" competia com alguns dos grandes espíritos da moderna música, mas que não se podiam admitir como jazz, achou que é música pura, mas atribuiu-lhe algum exagêro.

KAY WINDING — O aluno de Stan Kenton, declarou-se muito impressionado pelo que Stan e sua orquestra (1950) estão fazendo, o uso de cordas e tôda série de idéias musicais.

O OUTRO LADO

Agora olhemos o verso da medalha. Boyd Raeburn, considerado uma vez como contendor e competidor de Stan na vanguarda das grandes orquestras de jazz simbolizou o ponto de vista de muitos ouvintes quando lamentou que Stan não corre a gama de tons em música. Se êle quer apenas excitação êle a obtem. Mas não há contraste. E Mrs. Raeburn, a cantora Ginnie Powell, lamentando que Stan tenha demonstrado alguma coisa com cada número acrescentou: "Receio que êle seja demasiado sério com muitas coisas que eu acho engraçadas".

Uma outra dupla, Ella Fitzgerald e Ray Brown assim falaram sôbre "Lonely Woman" de Christy-Kenton: "Isto é exagerado demais; acontece tanta coisa que não se pode dizer se é melodia ou o que, êles podiam tê-la deixado cantar. Parece que ela está representando". Benny Goodman intrigado por "Monotony", inclinado a considerá-la como música "para alguma espécie de dança exótica", diz que não a considerava progressista e que estava perfeitamente seguro de que não se tratava de jazz. Charlie Bernet depois de ouvir "Sonambulism" disse que compreende porque as pessoas se desgostaram da orquestra. Tex Beneke: "Não gosto absolutamente dêsse tipo de coisa (Termapolae). Uma porção de sons discordantes. Tem que se dar muito trabalho à cabeça para extrair alguma coisa".

Allen Eager disse de uma das primeiras composições de Kenton para saxofone: "Seria Sep Fields? Êsses saxofones são tão doces e melosos! E horrível".

Joe Bushkin disse de "Jambo" de Kenton-Cole: "Parece uma composição de 96 compassos, terminando no "Vendedor de Amendoins". Espera-se alguma coisa e nada acontece. Lee Konitz disse: "A maior parte dos discos de Kenton se sobrecarrega de coisas feitas apenas por amor ao efeito. "E o comentário de Tristano sôbre o "Solitary" é: "A melodia me deixa apático. O arranjo é um pouco desajeitado, muito exagêro, mas muito bem executado".

Norman Granz: "Isto poderia ser uma orquestra, mas como Stan é verboso a sua orquestra só poderia imitá-lo. Essa orquestra angana, usa "slogans" de publicidade. Quando se tem uma idéia musical, devê-se vendê-la pelos seus méritos e não se faz reclame dela com uma porção de bobagens".

Entre os arranjadores fiz "tests" ou falei abertamente sôbre Kenton e a opinião geral parece misturar pela tentativa de Kenton de obter alguma coisa com pezar pelo seu fracasso em obtê-lo. O comentário de Billy Strayhorn é típico: "Kenton está tentando uma coisa maravilhosa com sua orquestra, mas exagera muito. Tudo parece uma luta de vida ou morte". Muito do que Duke Ellington me disse a respeito de Stan Kenton não pode ser publicado, e não seria imprimível mesmo que a sua publicação fôsse sancionada. Mas Duke, que diz nunca fazer "comentários injuriosos" para o consumo público, gostou muito de "Artistry in Percussion", enquanto estêve sob a impressão de que Shelly Manne era Gene Krupa.

Ralph Burns é um dos que pensam que se deveria dar a Kenton um certo crédito porque êle ao menos tenta, ao passo que todos os outros desistiram de tentar. Considera "Mirage" uma das poucas coisas que o impressionaram relativamente em Kentonia e opina que muitas das gravações de Stan deveriam ser julgadas pelos moldes clássicos e tende a preferir coisas como os arranjos de Shorty Rogers. Ralph disse: "Naqueles ritmos Kenton parece exatamente Woody". Não entendo a série "Artristry" e nem todos aquêles gritos e não saberia dizer se Maynard Fergusson tem talento. Burns resume fazendo notar que Stan Kenton "fêz muito mal e muito bem ao mesmo tempo", é uma porção de barulho, mas êle o faz por amor à música, termina Ralph Burns.



Será um «bluff»?

PLATÉIA DESPREVINIDA

Um outro famoso arranjador que preferiu ficar anônimo, observou: "Quando Kenton toca aquêles concertos pretenciosos, aposto que 75% da platéia não têm uma idéia remota do que está acontecendo. Não gosta da música mas tem medo de dar a entender aos outros que não compreenderam ou apreciaram. A personalidade de Kenton permitiu-lhe ter sucesso e estabelecer-se na base da procura dos granfinos.

Quando se trata da chamada música seria aquêles autores não passam de crianças comparadas aos autores clássicos, contemporâneos, e no que diz respeito ao jazz o melhor que possam fazer não chegará nem perto de um concêrto de segunda classe de Woody ou Duke Ellington há oito ou dez anos atrás". Depois de uma pausa acrescentou: "O que há com a maior parte dessa música é a sua qualidade neurótica. Não tem nem um momento feliz. E mesmo quando tenta ser extrovertida, vai a um fortíssimo gritado sem nenhum "nuance". Acho que a filosofia disso é: "Faça muito barulho que as pessoas terão que ouvir; não terão oportunidade de falar com tanto barulho".

As opiniões particulares dos músicos sôbre os membros da orquestra de Kenton são tão variadas como as opiniões sôbre a orquestra como um todo. Os solistas de Kenton que chegaram mais perto de obter aprovação unânime dos músicos comtemporâneos são: Shelly Mann, Art Pepper e Ed Safranski. Muito dos outros, inclusive o próprio Stan como pianista e arranjador, já foram descritos como competentes, exagerados ou mediocres. Os Kentonianos de primeira linha como Kai Winding e Stan Getz obtiveram grandes aplausos.

A RESPEITO DE JUNE

June Christy foi alvo de muitas queixas a êsse respeito. Depois do último concêrto de Kenton no Carnegie Hall, falei com numerosos e proeminentes músicos e cantores, cujas opiniões sôbre a atração dela naquela noite, variaram entre os que achavam que ela estava desafinada e os que achavam que ela não tinha entonação. Mas porque June é uma pessoa agradável e que tem suportado de bom grado tanta crítica, muitos dos seus críticos voltam atrás para cumprimentá-la por um disco ou por uma "performance" que se eleva acima do normal. Eu ainda acho "I'll remenber April" um belo disco.

Quanto a Maynard Fergusson, discuti-o com inúmeros músicos pistonistas e outros. Ainda que aceitem a sua grande técnica, nenhum em cem obtem algum prazer em ouví-lo. O resumo mais eloqüente de muitas opiniões

(Cont. na pág. 29)

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu- volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 4289 - S. PAULO
Peça prospectos

CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

INTERESSANTES . . .

(Cont. da pág. 17)

linho de prumo amarrado no centro do crânio, através do centro do corpo.

— Para respirar corretamente, certifique-se de que o diafragma, a garganta e a bôca estejam completamente relaxadas. Então, comece, primeiro, expirando o ar impuro dos pulmões com um «ha», muito lentamente. Cerre os lábios e inspire pelas narinas, naturalmente. A respiração acelerada é um excelente exercício para relaxar o diafragma. Lembre-se, quando estiver falando — não «empurre» o som da garganta — deixe-o sair naturalmente.

— Para fortalecer os músculos respiratórios, conte até cinco. Tome um rápido hausto e conte novamente, aumentando o número de cadavez. Lembre-se, não deixe a respiração escapar — utilize-a tôda na produção do som. Depois, pratique com um verso de poesia, em seguida com dois, três e tantos quantos você possa proferir sem esfôrço.

— Para desenvolver a flexibilidade da língua, procure pronunciar combinações silábicas como «tata, dada, nada, lala, rara».

E aqui termina a lição. Jean Hagen afiança-lhe que se você a aprendeu bem e pretende praticá-la regularmente, sua voz encantará os vizinhos, empolgará ao namorado e será um prazer para você.

AS FERAS INVADEM ROMA

(Cont. da pág. 6)

ficou com a parte do leão. Não fosse êle o escolhido para viver Nero, a grande fera...

Quem se mete, hoje em dia, em Roma, nos círculos que há alguns meses andaram às voltas com a tarefa de produzir QUO VADIS, ouve todo um anedotário. Principalmente as trapalhadas causadas pela chegada de tantas féras à Alfandega de Napoles, o transporte das mesmas, para Roma, depois a "distribuição" dos bichinhos pelos "Zoos" de Roma e Firenze, com escalas por Luca e outras cidades mais calmas. Dizem que foi uma pândega ver os inspetores da Alfândega e as autoridades sanitárias examinando os "passageiros", uns tentando classificá-los para os efeitos de direitos alfandegários, outros rezando para que os bichinhos ficassem quietinhos e mostrassem que não eram portadores de doença alguma... Inventaram que um dêsses zelosos funcionários quiz exigir que cada leão e cada touro exibisse seu atestado de vacina, e um outro fazia questão de atestado de bons antecedentes...

Corra tudo isso por conta do bom-humor, mas fique em boas bases declarada esta verdade: foi uma grande dor de cabeça produzir QUO VADIS. Talvez nunca mais ou tão cedo a M. G. M. se meta em outra empreitada de tal calibre, mesmo porque é provável que, com o correr de mais algum tempo, os animais se tenham organizado em Sindicato e aí os percalços serão muito, muitíssimo maiores.

E Nero passaria então a ser uma flor, quase um anjo, uma candura igualzinha a qualquer menino-cantor de Viena...

MEU DESTINO É A BÍBLIA

(Cont. da pág. 13)

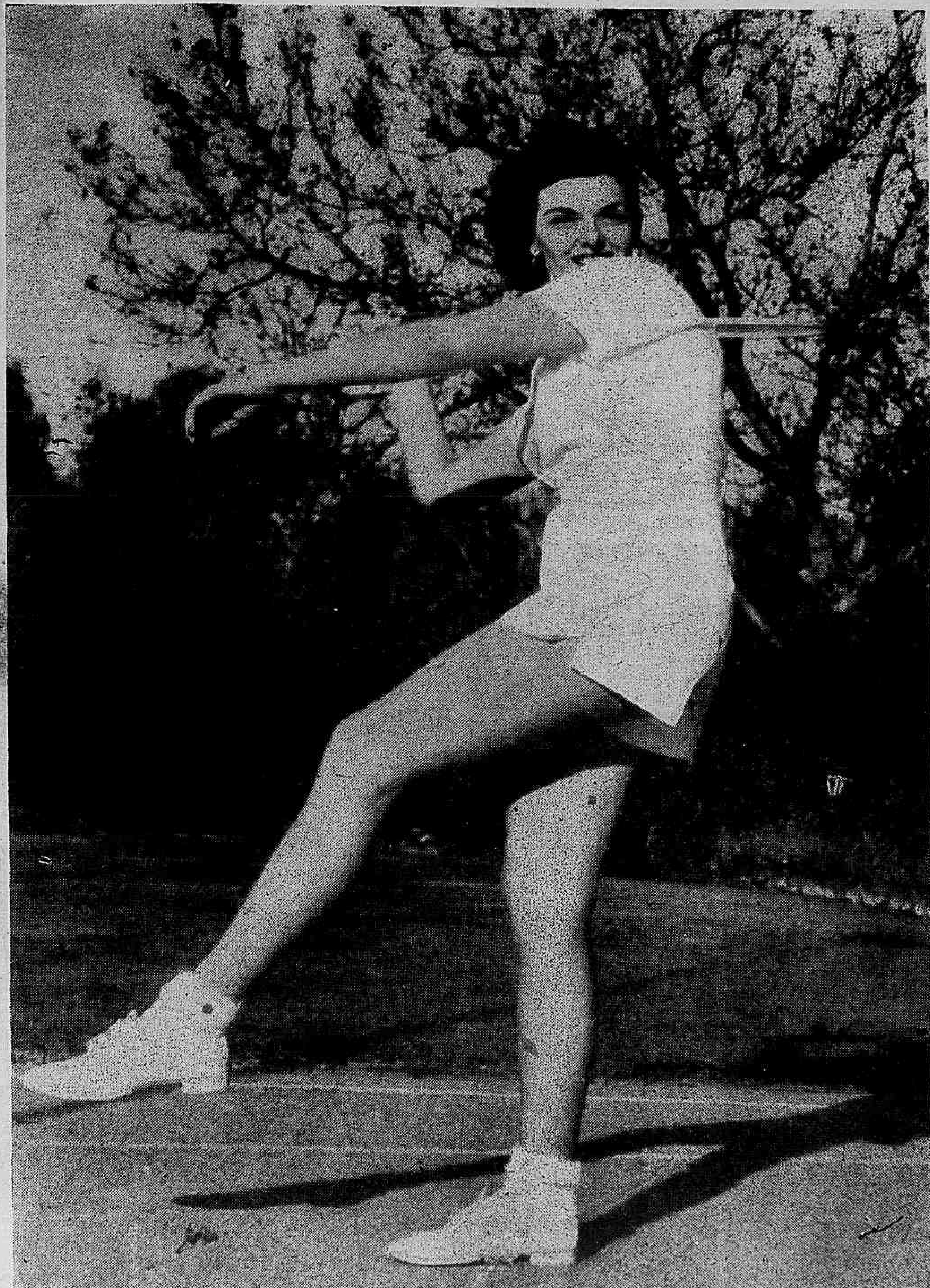
admiráveis, não desculpam o atrevimento ao obter uma expressão que também não resulta mais perfeita. Não podem desculpar-se os graves erros das obras de Cecil B. de Mille, realizados tão sòmente em favor de uma maior popularidade e de um maior ingresso na bilheteria. Por outro lado, seria injusto deitar sôbre os ombros do público americano as culpas de possuir um gôsto estragado. Os filmes de Cecil B. de Mille têm tido tanto êxito na Europa como no seu país de origem. A causa reside, precisamente, em que estão realizados à medida do espectador médio de todo o mundo. Não esquecer que o gênero do grande espetáculo tinha sido lançado pelos italianos com *machines* tão imponentes como "Caríbia" e "Quo Vadis", e que para emular e competir com êles, Griffith realizou seu "Judith de Bethulia", com a qual o gênero se enraizou na produção americana. Cecil B. de Mille acrescentou uma concepção mais ambiciosa e um desejo de catequizar, com a Bíblia na mão, aos espectadores de todo o mundo desde a tela cinematográfica convertida em divertido púlpito. Por seu lado, a organização Paramount soube manejar bem suas agências de publicidade. E a crítica rampeira soube amoldar-se às conveniências econômicas das páginas de anúncios. Não obstante, seria injusto não reconhecer-lhe alguns dotes excelentes. De início, já em "Joana d'Arc" demonstrou muita perícia em saber agrupar e mover com rara maestria as massas de figurantes; os efeitos na cena do sono e a sôbre impressão na cena em que Joana implora reforços a Carlos VII, assinalam sua habilidade. No êxodo do povo judeu em "Os dez mandamentos", existem momentos arrebatadores de expressão coletiva. Cada figurante aparece como um ator consumado que o diretor move à sua vontade. Nesta obra, na qual se vê claramente onde acaba a do Senhor e começa a de Jeannie Mac Pherson, Cecil B. de Mille explora um truque de laboratório que há de dar grandes resultados no cinema. Trata-se da passagem marítima dos israelitas, eixo do filme, que há de provocar a admiração provinciana do mundo inteiro, apesar de que Cecil B. de Mille, ao seguir a Moisés através do deserto se afogará com Faraó ao cruzar o Mar Vermelho. E' o triunfo do truque cênico sôbre o qual girarão as produções de grande espetáculo. Nelas será sempre impróprio falar de arte, já que Cecil está convenientemente estandardizado. Na sua realização, mais do que em nenhuma outra, ficarão implantados os princípios do trabalho de uma fábrica. Nestes casos é um grupo de especialistas produzindo em série, o que dará melhores resultados no rendimento industrial. Um filme aparece, pois, montado sob o signo do qual René Clair em "A nous la Liberté", e Chaplin em "Tempos Modernos", haverão de rir-se e fazer-nos rir. Com "Os Dez Mandamentos" realiza-se definitivamente a desunião do cinema americano. À sincera emoção, cheia de poesia, de seus grandes realizadores se sobrepõe agora o truque técnico. Recordemos que a apresentação estará sempre em relação ao valor plástico do enquadre e ao emotivo da situação. Por isso, as grandes cenas cinematográficas são de uma grande simplicidade. Neste sentido também se lhe há de reconhecer a Cecil B. de Mille alguma contribuição interessante. Nos tempos em que fazia os "Warrens de Virginia", ocorreu-lhe empregar a iluminação artificial para fotografar o rosto de um ator. Nesses anos só se filmava à luz do dia. O efeito fotográfico que jogava com o claro-escuro — a cara só aparece iluminada pela metade — foi batizado pelo mesmo diretor com o nome de "iluminação a Rembrandt". No campo do truque técnico que estávamos falando, veremos mais tarde, como ao redor de um terremoto se constrói o edifício temático de "San Francisco" de Van Dyke; como no decorrer de uma disputa de carros se fazem os instantes emotivos de "Ben Hur", de Fred Niblo; como o incêndio de Atlanta é o ponto principal de "E o Vento Levou", de Victor Fleming; e de Chicago, no filme de Henry King; como o mesmo Cecil B. de Mille faz da emoção terrestre que precede a morte de Jesus o principal motivo de "O Rei dos Reis", no qual abundam as produções de quadros religiosos feitos com o espirito vulgar dos imaginadores ao pôr maior. De Mille não recebe influências pictóricas, senão que copia quadros famosos, que é uma coisa, além de inferior, muito distinta. Estamos muito longe aqui, de sua iluminação a Rembrandt. "Os dez mandamentos" representa o esfôrço supremo de Cecil B. de Mille por dar gigantescas proporções às decorações. O acessório adquire funções principais. Já o tinhamos visto em "A esquecida dos Deuses", episódio da conquista de Hernán Cortês, que sòmente serve de pretexto para o idílio de um dos capitães, Don Pedro de Alvarado (Wallace Reid) com a filha do imperador Moctezuma, a princesa Tezca (Geraldine Farrar). Apesar de não serem tão característicos nem tão populares, suas comédias possuem maiores valores cinematográficos. Pelo menos a *pretensão* é mínima: a de divertir sem maiores preocupações. Não é que faltem em suas realizações pseudo históricas com cenas de verdadeira talha cinematográfica. Ao contrário, estão cheias delas. Nos mesmos *mandamentos* para dar visualmente a queda ao chão de Nita Naldi o faz em forma indireta, vendo-se como se desprendem, um a um, os anéis da cortina na qual a atriz tinha-se

(Cont. na pág. 34)

Você acredita nisso?

Elas dizem que fazem

TODOS nós gostamos de contar vantagem. E' um defeito tão humano como qualquer outro defeito. Os ídolos da tela também são humanos e, por isso mesmo, têm os mesmos defeitos que nós — na vida real. Uma vez que, fora do alcance da objetiva e de seus truques êles não possam ser os heróis imaginários que a ficção idealiza. Ainda assim, êles querem ser. E dizem coisas do arco da velha aos amigos. Alguns acreditam, outros não. E você?



JANE RUSSEL diz a todo mundo que deve ao jôgo do tênis a sua plástica impecável. Levanta-se todos os dias, às 7 da manhã, para praticar o esporte. Será?

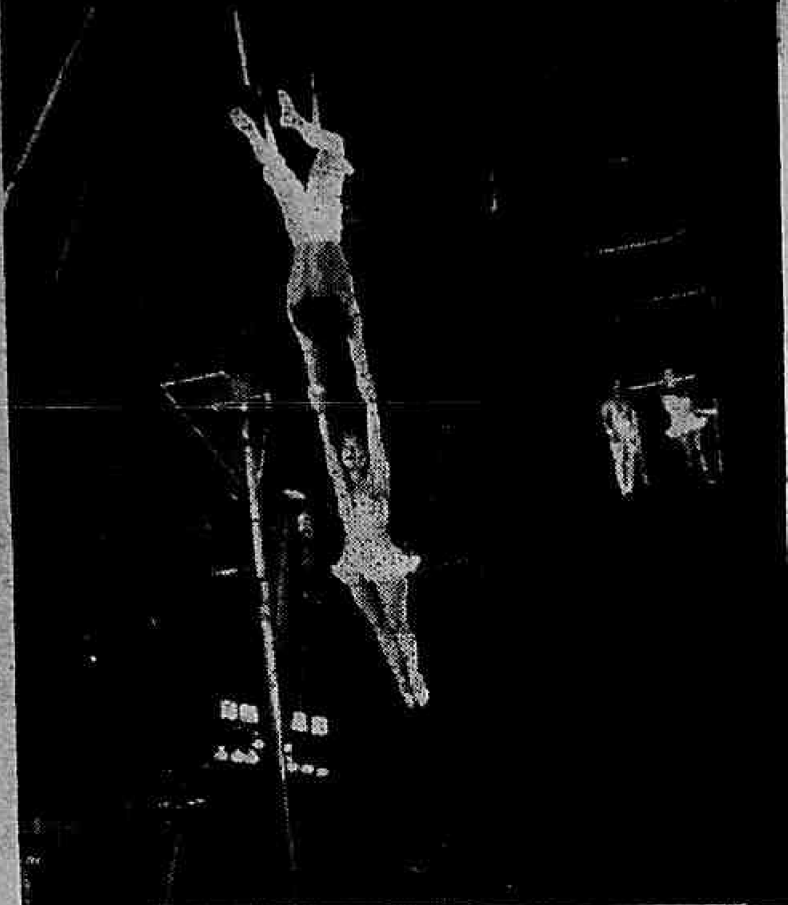
MARILYN MONROE faz sempre uma ligação interurbana durante as horas de filmagens, e diz que abandona tudo pelo meio quando a chamam ao telefone. Pois, sim.



MARY WINDOR assegura a todo mundo que lê seus «script» durante a viagem que faz, em seu carro, da residência para o estúdio. Qualquer dia ela para de·ler. Sùbitamente.



PHYLLIS TAXTER garante que o melhor esporte para engordar é andar de bicicleta. E faz isso diàriamente. Já engordou seis quilos



BETTY É MESMO DE CIRCO

- **NÃO FOI PRECISO USAR SUBSTITUTA NAS CENAS PERIGOSAS DE TRAPÉZIO**
- **CORAGEM E SANGUE FRIO, EM SEU NOVO FILME**
- **QUEM FOI QUE DISSE QUE ELA É DE CINEMA?**

BETTY HUTTON, disse-nos Cecil B. DeMille, é "uma das três maiores artistas que eu já dirigi em quatro décadas de cinema".

"Betty figura, ao lado de Glória Swanson e Bárbara Stanwyck, como uma das três melhores que eu já vi", assegurou o exitoso diretor, enquanto apreciava, nas filmagens de "O Maior Espetáculo da Terra", as evoluções acrobáticas da querida estrêla no trapézio.

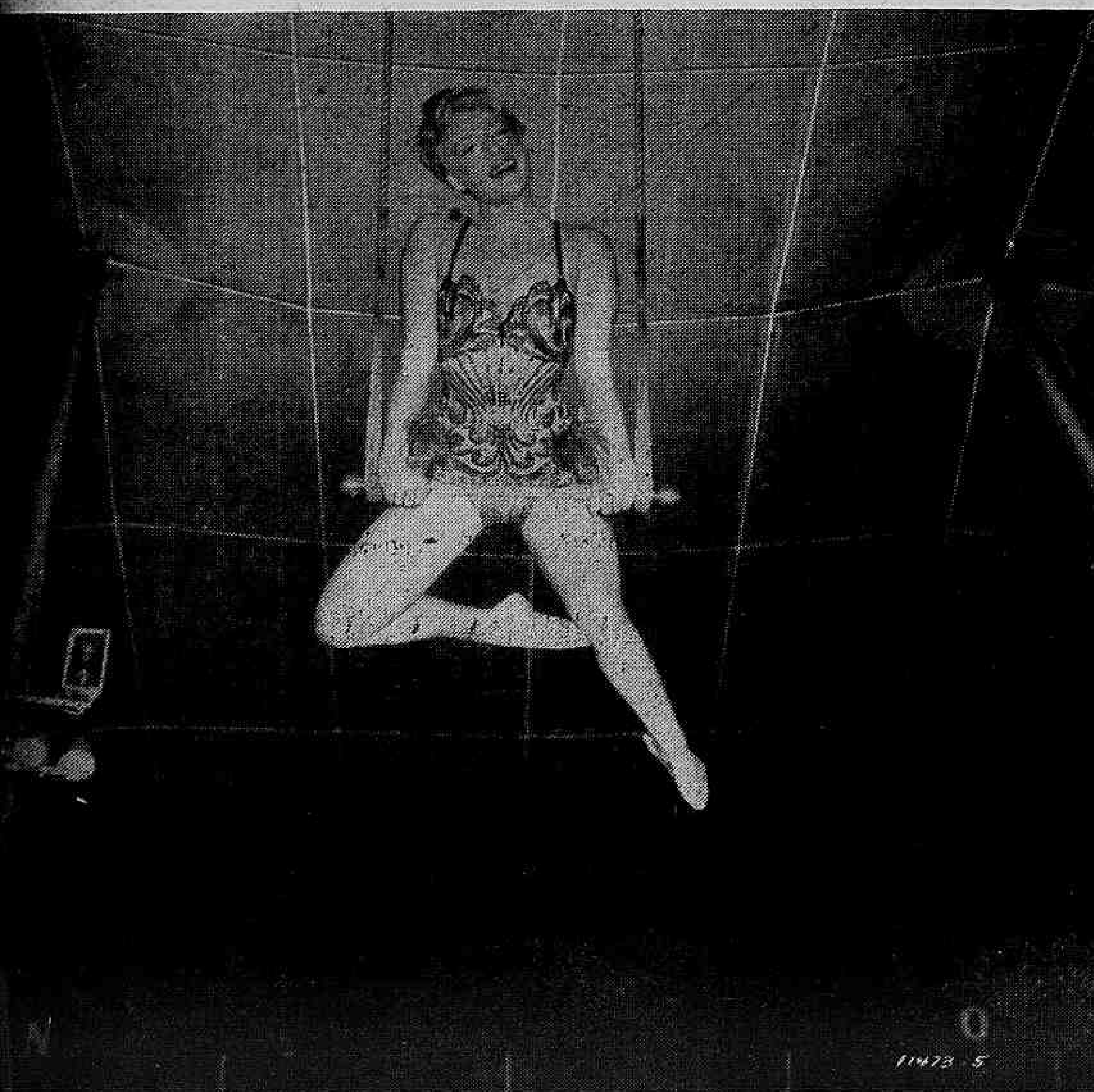
"Essas três que citei não têm medo de tentar tudo o que lhes seja pedido, em matéria de cinema", explicou DeMille. Êle recordou então como Glória Swanson não temeu entrar em jaula de leões em "Macho e Fêmea", famoso filme do cinema mudo, e como Bárbara enfrentou um búfalo em disparada no filme "Aliança de Aço".

"Mas Betty num trapézio", continua êle, "é qualquer coisa de fenomenal".

"Veja!, gritou. Nesse meio tempo, Betty saltava do alto do mastro principal do circo, era agarrada pelos pés por seu par, soltava-se novamente, dava um salto mortal no ar e ia cair com graça e leveza na rêde de segurança!

"Betty Hutton está perdendo seu tempo no cinema", suspirou DeMille.

"Ela daria uma grande artista de circo...".



E' difícil para Betty Hutton deixar o trapézio, uma vez que ela já aprendeu essa excitante arte



Betty Hutton chega ao pináculo de sua carreira com seu trabalho em «O Maior Espetáculo da Terra», tecnicolor da Paramount



«Manter-se no tôpo da glória não é tão difícil assim» — declara Betty. «O difícil foi chegar lá em cima» — conclui

O MUNDO À SUA PORTA

ÊSTE É O LEMA DO CINEMA, QUANDO PRETENDE REPRODUZIR QUALQUER LUGAR DO MUNDO EM SEUS PRÓPRIOS ESTÚDIOS



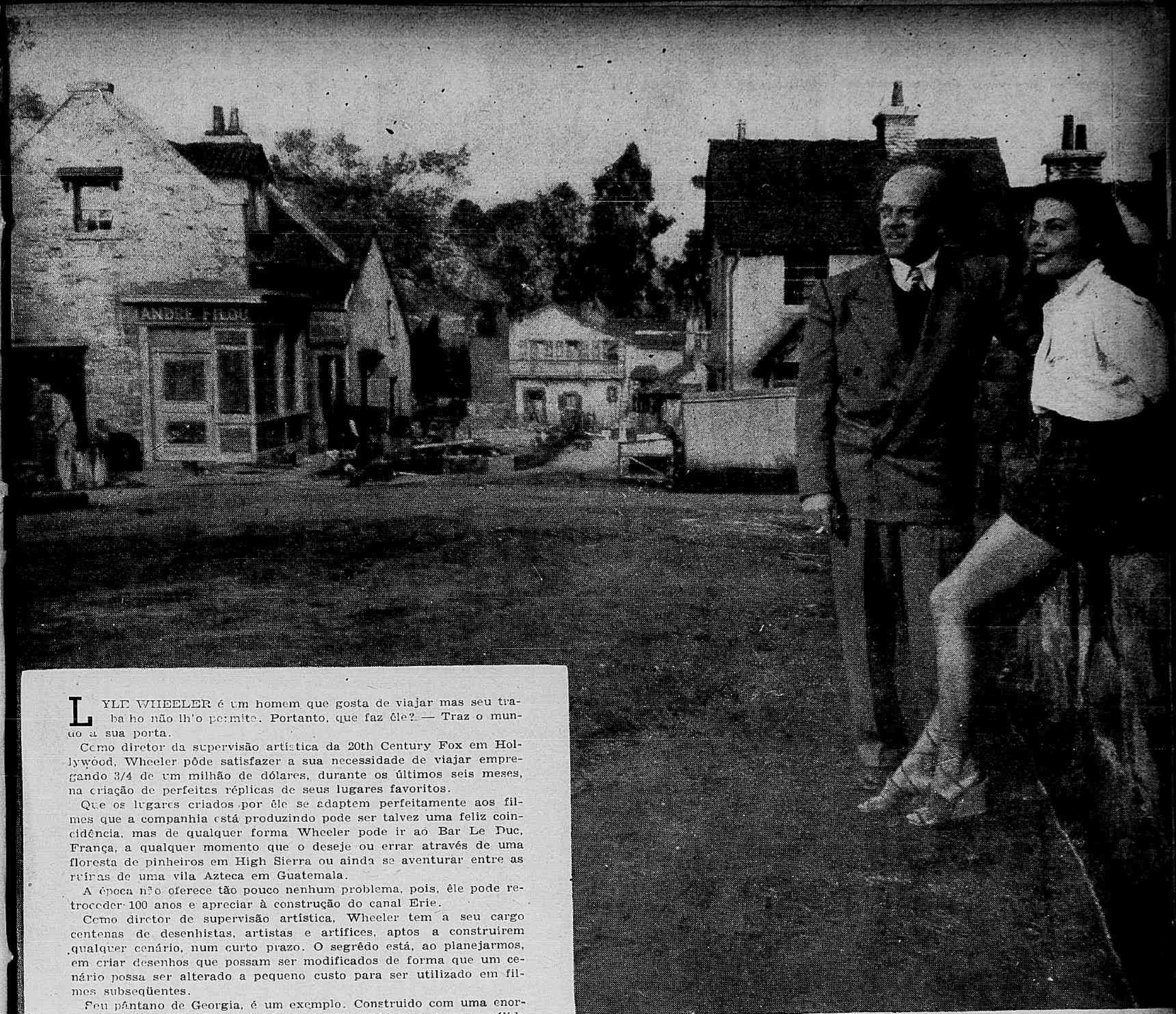
CANAL ERIE — Lyle Wheeler e Miss Norring, inspecionam a construção do Canal Erie, cenário a ser usado na comédia musical em tecnicolor «The Farmer Takes A Wife», com Betty Grable, Dale Robertson e Ray Bolger. Miss Norring tem por companheiros Richard Widmark e Dale Robertson numa seqüência do filme: «Bagdad Subway»



FLORESTAS DE PINHEIROS — Especialmente construida para os «close-ups» das cenas de lutas contra o fogo em «Montanhas Ardentes», esta floresta foi redecorada com neve para a filmagem de «Outcast of Poker Flat». Cada uma dessas enormes árvores foi trazida de High Siecras e plantada nos terrenos do estúdio



CONSTRUÇÃO NO ESTÚDIO — Lyle Wheeler, diretor da supervisão artística da Fox, mostra à artista húngara, Ava Norring, o andamento da construção do Canal Erie, cenário para a filmagem em tecnicolor da comédia musical «The Farmer Takes A Wife». Ao fundo está o pântano de Okefenokee, da Georgia, que será redecorado para se tornar um lago novaiorquino



LYLE WHEELER é um homem que gosta de viajar mas seu trabalho não lh'o permite. Portanto, que faz êle? — Traz o mundo à sua porta.

Como diretor da supervisão artística da 20th Century Fox em Hollywood, Wheeler pôde satisfazer a sua necessidade de viajar empregando 3/4 de um milhão de dólares, durante os últimos seis meses, na criação de perfeitas réplicas de seus lugares favoritos.

Que os lugares criados por êle se adaptem perfeitamente aos filmes que a companhia está produzindo pode ser talvez uma feliz coincidência, mas de qualquer forma Wheeler pode ir ao Bar Le Duc, França, a qualquer momento que o deseje ou errar através de uma floresta de pinheiros em High Sierra ou ainda se aventurar entre as ruínas de uma vila Azteca em Guatemala.

A época não oferece tão pouco nenhum problema, pois, êle pode retroceder 100 anos e apreciar à construção do canal Erie.

Como diretor de supervisão artística, Wheeler tem a seu cargo centenas de desenhistas, artistas e artífices, aptos a construirem qualquer cenário, num curto prazo. O segrêdo está, ao planejarmos, em criar desenhos que possam ser modificados de forma que um cenário possa ser alterado a pequeno custo para ser utilizado em filmes subseqüentes.

Seu pântano de Georgia, é um exemplo. Construido com uma enorme e rústica piscina, com três de profundidade e com uma sólida base de concreto, êle foi primeiro decorado com ciprestes, labros e outras vegetações próprias do pântano de Okefenekee, local do filme «Lure of the Wilderness», tendo como protagonistas Jean Peters, Constance Smith e Walter Brennan.

Logo que êste filme esteja concluído, as vegetações do pântano desaparecerão e serão substituidas por pinheiros e outras plantas próprias de Nova York e a piscina se transformará num lago no Canal Erie, para a filmagem da comédia musical em tecnicolor «The Farmer Takes a Wife», com Betty Grable, Dale Robertson e Ray Bolger.

Da mesma forma, a floresta de pinheiros que foi especialmente construida para os «close-up» do filme em tecnicolor «Montanhas Ardentes», com Richard Widmark, Constance Smith e Jeffrey Hunter, foi redecorada com neve para cenas do clássico de Bret Harte: «Outcasts of Poker Flat», estrelado por Anne Baxter, Dale Robertson, Camerom Mitchel e Bárbara Bates.

A vila francesa construida para o drama musical em tecnicolor «What Price Glory», com James Cagney, Dan Dailey e Corinne Calvet, requereu apenas uma modesta despesa para fazê-la aproveitável para «Os Miseráveis», com Michael Rennie, Robert Newton, Edmund Gwenn e Debra Paget.

Dando um passeio pelo estúdio, recentemente, Wheeler explicou os novos cenários de ambientes exteriores à Ava Norring, estrêla húngara que acaba de assinar um longo contrato com a 20th Century Fox e participa do filme que trabalham Richard Widmark e Dale Robertson num episódio de «Bagdad on the Subway», dramatização de uma série de pequenas histórias escritas por O. Henry. Miss Norring também tem um importante papel no filme em tecnicolor «Snows of Kilimanjaro», uma produção de Darryl F. Zanuck, com Gregory Peck, Susan Hayward, Ava Gardner e Hildegarde Neff.



VILA FRANCESA — Lyle Wheeler e Ava Norring inspecionam a vila francesa construída para o drama-com-música: — «What Price Glory», com Dan Dailey, James Cargney e Corinne Calvet. Com uma pequena despesa ela poderá ser utilizada para cenas do clássico filme «Os Miseráveis», no qual tomam parte Michael Rennie, Robert Newton e Debra Paget

SERINGUEIRA — Lyle Wheeler e Ava Norring de pé junto a uma real seringueira que foi transplantada para fazer parte do cenário da produção da 20th Century Fox, «Lure of the Wilderness». Ao fundo está uma parte do pântano que está sendo decorado de ciprestes, labros e outras vegetações próprias do pantano de Okefenokce, da Georgia, local do filme




GINOSEDOL


JOÃO FREY

MEU DESTINO É A BÍBLIA

(Cont. da pág. 28)

agarrado em sua queda. Porém isto não recorda em alguma coisa ao cinema italiano da Bertini? Suas comédias matrimoniais possuem um ar menos rígido, mais ágil, menos atrevido. Seu indubitável conhecimento da técnica cinematográfica serve-lhe para instalar um gênero — o da comédia de sociedade — que, aqui e ali, aparece salpicado de excelentes pinceladas irônicas. Neste aspecto, "o admirável Crichton" é uma obra notável. No seu tempo causou verdadeira sensação. A obra de James Barrie, que lança a Glória Swanson como estrêla de primeira grandeza, junto a um elenco em que figuram os nomes de Theodore Roberts, Thomas Meighan, Lila Lee, Raymond Hatton, Robert Carn, Bebé Daniels e Julia Faye faz época. O luxo das decorações, o refinamento dos detalhes, o humor que se desprende da obra original, adaptado com acêrto, fazem de "O almirante Crichton" uma obra agradável de ver-se no momento de sua realização e que, se pelos seus méritos não se acha de acôrdo com o entusiasmo que desperta, não pode negar-se-lhe uma habilidade narrativa muito superior aos filmes em uso naquele tempo. A êste mesmo gênero pertenceram muitos dos filmes que Cecil realizou naquele tempo, "As mulheres", "Os homens", "Por que mudar de espôsa?", que possuem a intranscendência de uns argumentos que querem ser exemplares, apesar de serem apenas divertidos. Os principais intérpretes dêstes filmes são: Thomas Meighan, Gloria Swanson, Elliot Dexter, Theodore Roberts e Bebé Daniels. Mas, naturalmente, o Cecil B. de Mille que o povo gosta é o das grandes mascaradas históricas, sendo sua última amostra a razoável produção "Sansão e Dalila". A elas, as mascaradas, dedicará pois De Mille seus melhores entusiasmos e lançará as serpentinas do celulóide no carnaval eterno que seus filmes nos proporcionam.

A CENA NO JAZZ

(Cont. da pág. 27)

a êsse respeito foi esprimido pelo brilhante compositor e músico britânico. Steve Race, que escreveu em "Melody Maker": "Eu preciso de Maynard Fergusson tanto quanto preciso de um buraco na cabeça. Para mim representa tudo o que há de pior no jazz moderno".

Não duvido que Fergusson seja um grande técnico, é claro, mas desejaria que a par disso êle fôsse também um artista. Há muita confusão de um modo geral sôbre o lugar de Stan Kenton no jazz, porque os que o discutem não estão seguro sôbre qual Kenton estão discutindo, o Stan solene, o Stan do swing ou o Stan ingênuo. O primeiro oferece albuns de ambiciosos concertos para uma orquestra de 40 figuras. O segundo é típicamente por fatôres tais como música de Shorty Rodgers, sentimento de Wood Herman e freqüentes solos de jazz. A terceira categoria é o obsetivo claramente da caixa registradora.

GOSTAM DO STAN DO SWING

Tanto quanto seja possível generalizar sôbre uma orquestra tão comentada, poder-se-ia dizer que não importa quão importantes, pretenciosas, modernas e brilhantes sejam as orquestrações na coleção solene de Stan, são so trabalhos do Stan do Swing que obtiveram mais aceitação entre os músicos. Isto talvez não seja o que Stan deseje, porque quando anuncia um novo concêrto êle o faz com o ar de quem está revelando a existência de uma nova arma atômica. Aquêles que gostam dos concertos de Kenton acham que êles representam a última palavra em música moderna. Aquêles que são menos entusiastas baseiam a sua reserva algumas vêzes na falta de entendimento, outras, um profundo entendimento dos trabalhos de Milhaud, Stravinsky e outros. Êstes últimos acham que Stan, longe de ser um inovador, esta retirando ao jazz tôdas as qualidades básicas e pondo a sua música num plano onde ela é fatalmente comparada com o trabalho dos clássicos modernos.

Não acho que essa música represente progresso; e não é prerrogativa de ninguém dizer se é jazz ou não. Se se trata de música é uma outra questão. Muito dela é pretenciosa e para fazer uma afirmação categórica eu não diria que a orquestra devesse ser classificada como a nº 1. Kenton oferece uma grande oportunidade aos seus compositores, mas nenhum dêles tem o gênio de que se precisa nessas circunstâncias. Sem denegrir, isto se aplica a Pete Rugolo e se aplicaria a mim também se eu compusesse para a orquestra.

Pessoalmente tenho o espírito largo. Já fiquei muito intrigado, entusiasmado, desgostoso, mistificado, horrorizado, fascinado e estimulado por Stan, seus compositores, suas orquestras, seus solistas. Comparei a orquestra a um magnífico e super-veloz veículo de linhas modernas em estilo e impecável no rendimento, cujo "cauffeur" não está bem seguro do destino. Mas, pelo menos, juntamente com uns poucos milhões de cidadãos do mundo da música, achei que o fenômeno Stan Kenton merecia estudos muito sérios.

Sendo um marcador de passos ou um "bluff", um Messias ou um mentiroso, Stan está conseguindo que muita gente se interesse pela música em si e por isto sòmente já lhe devemos uma profunda gratidão.

GENE NELSON

(Cont. da pág. 22)

Atualmente é um dos artistas mais bem pagos dos estúdios de Burbank e pretende subir ainda mais em sua carreira, o que não lhe será difícil, levando-se em conta que cada dia mais se aperfeiçoa na arte de dançar.

Gene é um apaixonado de seu lar e passa muitas horas com a espôsa, cuidando do jardim de sua casa. Outra distração que possui é a pintura e também pratica tênis, esgrima, natação, beisebol e "sky". Simpático, alegre, muito feliz, Gene Nelson reparte sua felicidade com a espôsa e o filho. Gene é alto, esbelto, seu pêso é normal e seus cabelos são aloirados. Seus olhos são azuis. Não é uma criatura perfeita, mas parece ter encontrado a fórmula do eterno bom humor.





ELIZABETH TAYLOR fará um filme ao lado de Larry Parks — "Love is Better Than Ever" (Foto Metro)

ACOMPANHE AS AVENTURAS CAPITÃO ROB



NOVA FIGURA DE HERÓI
QUE A REVISTA DA SEMANA
LANÇOU NO BRASIL

•

HISTÓRIAS ESCOLHIDAS
COM RIGOROSO
CRITÉRIO

AMOR · SENSAÇÃO
+ HEROISMO
EM TERRA E NO MAR

ALBERTO LIMA 952

REVISTA DA SEMANA